

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS HUMANIDADES**

**LIÉLEN MIOLA DE OLIVEIRA**

**“CONVOQUEM-ME NA PRÓXIMA GUERRA”: A REPRESENTAÇÃO DO  
GÊNERO FEMININO NOS PERSONAGENS DE PRINCESAS DOS FILMES  
INFANTIS DA WALT DISNEY**

**Caxias do Sul  
2020**

**LIÉLEN MIOLA DE OLIVEIRA**

**“CONVOQUEM-ME PARA A PRÓXIMA GUERRA”: A REPRESENTAÇÃO DO  
GÊNERO FEMININO NOS PERSONAGENS DE PRINCESAS DOS FILMES  
INFANTIS DA WALT DISNEY**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência para obtenção de  
graduação em Licenciatura em História na  
Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Rela.

**Caxias do Sul  
2020**

**LIÉLEN MIOLA DE OLIVEIRA**

**“CONVOQUEM-ME PARA A PRÓXIMA GUERRA”: A REPRESENTAÇÃO DO  
GÊNERO FEMININO NOS PERSONAGENS DE PRINCESAS DOS FILMES  
INFANTIS DA WALT DISNEY.**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência para obtenção de  
graduação em Licenciatura em História na  
Universidade de Caxias do Sul.

**Aprovado em: 09/12/2020**

**Banca examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana Rela  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Daiane Dala Zen  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

## AGRADECIMENTOS

Começo a agradecer primeiramente a mim, por manter-me firme na pesquisa, por terminá-la a tempo, além de passar por esse processo desgastante e incrível de escrever a própria tese.

Segundamente agradeço a orientadora da minha pesquisa, Eliana Rela por manter-me no caminho certo e guiar-me tão bem durante esse processo.

Agradeço também aos professores do curso Licenciatura em História da Universidade de Caxias do Sul, por mostrarem-se prestativos a todos nós estudantes, mantendo nosso sonho vivo e florescido, tornando o curso um lugar de acalento aos estudantes.

Aos meus pais deixo minha gratidão por manterem-se ao meu lado durante toda a graduação, incentivando-me a concluí-la e aguardando ansiosamente minha formatura.

Obrigada também aos meus amigos por manterem-se ao meu lado, prestando apoio emocional e ajuda nos momentos em que mais precisei e, mesmo sem precisar, agradeço-os por estarem presentes comigo também até hoje.

Agradeço a minha falecida avó, Hilda Lazzari da Silva por ter me criado e educado, incentivando meus sonhos, apoiando-me no início da minha graduação. Para ela deixo essa pesquisa em honra a sua pessoa e carisma, que infelizmente foi-me tirado.

Aos meus animais de estimação, obrigada por terem sido o alívio no meio do caos.

Deixo registrado o meu agradecimento também a sete homens incríveis que me mantiveram em pé nas maiores dificuldades com suas músicas, Kim Seokjin, Min Yoongi, Kim Namjoon, Jung Hoseok, Park Jimin, Kim Taehyung e Jeon Jungkook, integrantes do grupo sul-coreano BTS e a sua música Pied Piper que diz *“Pare de nos assistir e vá estudar para os seus exames”*.

Expresso meu agradecimento a Deus, por ter-me criado e me feito como sou hoje, acima de tudo por amar-me.

Por fim, manifesto meu agradecimento a sociedade e aos seus movimentos que permitiu-me escrever uma pesquisa sobre os movimentos feministas.

*“A mulher é, como o homem, um  
ser humano.”*  
***Simone de Beauvoir***

## RESUMO

A seguinte tese tem como objetivo dissertar sobre a influência das ondas feministas nos filmes de princesas da produtora Walt Disney, sendo eles 'A Bela adormecida' com a princesa Aurora e sua relação com o comportamento feminino, expressado na primeira onda feminista, momento de luta para conseguir o direito ao voto e a escolaridade superior das mulheres. O filme 'A Bela e a Fera' com a princesa Bela e sua relação com as lutas e comportamento feminino da segunda onda feminista, que visava o fim da mística feminina e a ocupação das mulheres na área de estudos, assim, como a análise do comportamento masculino do vilão Gaston com base nas ideias machistas e opressoras da sociedade fundamentado nas duas primeiras ondas feministas. Além do filme 'Frozen, uma aventura congelante' com as princesas e irmãs Anna e Elsa sobre a perspectiva da terceira onda feminista, que expõe a questão de gênero e a liberdade feminina como pautas, a análise do príncipe Hans e o comportamento frio, calculista e influenciador que traz conforme as atitudes e ideias masculinas, as quais fazem parte da militância da terceira onda.

**Palavras chave:** Feminismo. Walt Disney. Frozen. Anna e Elsa. A Bela e a Fera. Bela. Aurora. A Bela adormecida. Mística feminina. Aparência. Comportamento.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, a princesa Aurora dentro da cabana do lenhador onde mora com as fadas Fauna, Flora e Primavera .....	22
Figura 2– Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, a vilã Malévola dentro do castelo do rei, na festa de nascimento da princesa Aurora, segurando seu cajado e com seu corvo.....	23
Figura 3– Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, Aurora aparece pela primeira vez na janela da casa de suas tias limpando a janela enquanto cantarola .....	24
Figura 4 – Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, Aurora descendo as escadas da casa de suas tias com um pano e uma vassoura .....	24
Figura 5 – Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, Aurora, chora na cama em seu quarto, ao descobrir que é uma princesa e não poderá se casar com Filipe, o homem que conheceu na floresta .....	26
Figura 6 – Cenas do filme ‘A Bela e a Fera’, onde as mulheres aparecem desempenhando papéis vistos pelo discurso freudiano e a mística feminina.....	34
Figura 7 – Imagens do filme ‘A Bela e a Fera’, Gaston exhibe sua virilidade e corpo masculino .....	37
Figura 8 – Cena do filme ‘A Bela e a Fera’ Bela lê um livro enquanto caminha pela aldeia ..	40
Figura 9 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, mostra as duas irmãs, Anna e Elsa brincando no salão do palácio .....	51
Figura 10 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, Elsa experimenta a liberdade de seus poderes sem amarras .....	53
Figura 11 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, Elsa usa seus poderes para vestir uma roupa mais confortável e adequada para si .....	53
Figura 12 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, Anna se põe em frente a espada do príncipe Hans para salvar sua irmã Elsa .....	56

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>“ERA UMA VEZ, NUM REINO MUITO DISTANTE”: A ANÁLISE DE GÊNERO E A PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO NO FILME A BELA ADORMECIDA. ....</b>	<b>15</b>
2.1A	ANÁLISE DO GÊNERO FEMININO NO FILME DA A BELA ADORMECIDA E SUA PARTICIPAÇÃO COM A PRIMEIRA ONDA FEMINISTA.....	19
<b>3</b>	<b>“E ASSIM, LANÇOU-SE O FEITIÇO”: A EVOLUÇÃO DO PAPEL FEMININO COM A CHEGADA DA SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO NO FILME A BELA E A FERA. ....</b>	<b>28</b>
3.1A	ANÁLISE DO GÊNERO FEMININO E A MUDANÇA QUE OCORREU COM A SEGUNDA ONDA FEMINISTA NO FILME DA A BELA E A FERA. ....	32
<b>4</b>	<b>“E TODOS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE”: A CONFLITANTE MUDANÇA DO PAPEL FEMININO E SUA HISTÓRIA E A TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO NO FILME FROZEN.....</b>	<b>44</b>
4.1A	CHEGADA DA ULTIMA ONDA FEMINISTA NOS FILMES ATUAIS DO ESTÚDIO WALT DISNEY E A REVOLUÇÃO NAS PERSONALIDADES E CARACTERÍSTICAS DAS PRINCESAS NO FILME FROZEN .....	49
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
	<b>REFÊRENCIAS .....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Tento obedecer, não olhar para trás, sigo meu dever, não questiono mais, mas para onde vou, quando vejo estou onde sempre quis”*

### **Saber quem sou, Moana**

O enfoque do presente estudo é analisar alguns aspectos que as personagens e histórias dos filmes infantis da Walt Disney Company, “A Bela Adormecida”, “A Bela e a Fera” e “Frozen” manifestam o comportamento feminino conforme cada ato e onda feminista desvirtuavam do ideal feminino empregado pela sociedade. O primeiro filme de longa-metragem de princesa lançado pela Walt Disney foi “A Branca de Neve”, lançado em dezembro de 1937 nos Estados Unidos, chegando no Brasil apenas em janeiro de 1938, sendo que ao longo dos anos o filme foi re-estreando em vários cinemas ao redor do mundo até ter sua cópia em VHS<sup>1</sup>.

Este projeto tem como objetivo trabalhar apenas com três ondas feministas, e, para isso, três filmes de diferentes ondas foram escolhidos para ser analisada, como “A Bela Adormecida” de 1959, fazendo parte da primeira onda feminista, com a princesa Aurora como protagonista; o filme “A Bela e a Fera” de 1991, atuando na segunda onda feminista, tendo a princesa Bela como protagonista; e, o filme “Frozen”, com as irmãs Anna e Elsa, de 2013, participando da terceira e última onda feminista. As histórias dos filmes além de seguir a caracterização de cada onda feminista, deixa explícito a mudança no comportamento feminino – e o masculino nos personagens do sexo oposto – conforme as ondas alcançam seus objetivos. No filme “A Bela Adormecida”, a história conta sobre a princesa Aurora, amaldiçoada pela vilã Malévola, uma bruxa má que ficou ressentida por não ser convidada para o batismo da princesa, assim, a amaldiçoou para que quando realizasse seus dezesseis anos espetasse o dedo em uma agulha de roca de fiar e dormisse para sempre, se livrando desse eterno sono somente quando recebesse um beijo de amor verdadeiro. Aurora passou sua vida sendo criada como camponesa e longe de rocas de fiar, mas, mesmo assim não escapa de sua sentença. Tendo apenas 15 minutos de fala e aparições no filme, Aurora e sua história

---

<sup>1</sup>Vídeo Home System, ou, em português, Sistema Doméstico de Vídeo. É um padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas de videocassete.

foram responsáveis pelos trinta anos de congelamento da Disney e sua quase falência.

A princesa Bela, de “A Bela e a Fera” já demonstra uma diferente personalidade em sua história, graças a segunda onda do feminismo, onde ela não deseja se casar com um homem rude e possessivo como Gaston, mas sim com um homem que a trate como igual. Diferente de Aurora, Bela aprecia as artes e a natureza, rende-se e troca de lugar com seu pai para salva-lo da Fera e a enfrenta em diversos momentos do filme, mostrando o seu lado não passivo, que é trazido junto na segunda onda. Bela casa-se com a Fera pois vê nela um homem que a admira pelo que é e a trata como uma igual, enquanto Gaston, personagem ainda preso nas ideias sexistas, quer que Bela abdique de sua liberdade e seja dona de casa e mãe de seus filhos. O filme é repleto de magia e segredos, mostrando a desenvoltura dos personagens e sua mudança ocasionada pela segunda onda feminista. O último filme trata das irmãs Anna e Elsa, “Frozen” traz consigo uma história instigante de amor entre irmãs, trazendo em seu início uma sátira as demais princesas que se casaram sem conhecer os príncipes direito. O filme gira em torno do amor e a saudade de duas irmãs, que novas foram separadas por fatalidades e o desejo de liberdade que ambas sentem, uma por querer ver-se livre dos muros do castelo e outra por querer ser quem é. O maior inimigo desse filme não é uma pessoa, mas sim uma situação, a situação de desentendimento entre duas irmãs e seu afastamento precoce e forçado. Apesar de na trama existir personagens masculinos, não são eles que salvam o dia e terminam o filme em um final feliz, mas, uma mudança traga pela transição do feminismo, onde, a mulher já não precisa mais da ajuda do homem para construir sua história e seu final. O enredo do filme trata de uma busca de Anna, que encontra Kristoff e a rena Sven que a ajudam a subir as montanhas em busca de sua irmã Elsa, que foge após mostrar seus poderes de gelo de forma inesperada, trazendo o inverno ao reino. No meio dessa trama toda surge Olaf, o boneco de neve que é o elo entre as irmãs, onde as memórias do amor que as duas sentem uma pela outra ganha vida e as ajuda a se redimirem e se desculparem. A história é envolta em uma bolha que mostra as dificuldades de uma família real e como as adversidades são superadas. As duas personagens têm mais características marcantes e fortes que as duas personagens anteriores, pois com elas há objetivos mais claros e fixos e algo, ou alguém, por quem lutar.

Mas para que todos esses filmes pudessem ser lançados e mudar-se conforme as ondas do movimento social feminista, a Walt Disney precisou ser criada e atingir um público alvo. A Disney foi fundada em 16 de outubro de 1923 por Walt Disney e Roy Oliver Disney com o nome de Disney Brothers Cartoon Studios e estabeleceu-se como pioneira no assunto de animação. Com o passar dos anos o estúdio mudou de nome duas vezes, se chamando

também de Walt Disney Studio e Walt Disney Productions e desde 1968 a Disney mantém seu atual nome de Walt Disney Company. Nos anos de 1923 a 1928 a Disney passou a produzir sua primeira curta metragem de Alice no país das maravilhas, utilizando a atriz infantil Virgínia Davis como Alice e a colocando a interagir com desenhos animados, mas no mesmo ano, a primeira fábrica de filmagem da Walt Disney faliu, levando Walt Disney a se mudar para Hollywood e abrir a empresa com seu irmão, Roy O. Disney, começando assim as produções de seu primeiro personagem animado, *Oswald, O Coelho Sortudo*<sup>2</sup>. O desenho foi distribuído pela Winkler Pictures, filiada da Universal Pictures<sup>3</sup>. Depois de ter completado vinte e seis curtas do coelho, Walt Disney perdeu o contrato com a Winkler Pictures e a animação passou a pertencer a Universal Pictures.

A partir de 1928 a 1934 para recuperar-se da perda de Oswald, Disney teve a ideia de um personagem chamado Mortimer enquanto rabiscava algumas ideias no trem que o levava para a Califórnia. Mais tarde o personagem ganhou forma e um novo nome, sendo agora um rato, se chamando Mickey Mouse, estrelando diversos curtas e tendo seu design original feito por UbIwerks<sup>4</sup>. O primeiro filme sonoro da Walt Disney foi lançado em 18 de novembro de 1928, estrelado por Mickey Mouse, *Steamboat Willie*<sup>5</sup> que foi um sucesso imediato. O ratinho Mickey Mouse estreou diversos outros curtas e animações, e logo após o sucesso do primeiro curta, a Disney criou a série *SillySimphonies*<sup>6</sup> em parceria com a Columbia Pictures<sup>7</sup>. Com o sucesso alavancado pelo ratinho Mickey e a série musical, a Disney decidiu expandir suas fronteiras da animação e começou a produção de seu primeiro longa-metragem em 1934.

A *Branca de Neve e os Sete Anões* levou três anos para ser concluída, estreando em dezembro de 1937 nos Estados Unidos da América e em janeiro de 1938 no Brasil, a princesa foi responsável por ser o filme de maior bilheteria nos anos 1939. Após o lançamento do longa, o estúdio Walt Disney continuou produzindo e lançando curtas metragens de animação, como Pinóquio e Fantasia de 1940, Dumbo de 1941 e Bambi de 1942. O filme da princesa Branca de Neve arrecadou 8 milhões de dólares em bilheterias ao redor do mundo e sua

---

<sup>2</sup> É um personagem de desenho animado criado por Walt Disney e UbIwerks, considerado a versão anterior do ratinho Mickey Mouse. Oswald estreou em 1927.

<sup>3</sup> É um estúdio de cinema norte-americano de propriedade da Comcast e de sua subsidiária NBCUniversal. Foi fundada em 1912 pelo alemão Carl Laemmle inicialmente pelo nome de Universal Film Manufacturing Company.

<sup>4</sup> UbErtIwwerks, ou UbIwerks foi um desenhista norte-americano que criou o personagem Mickey Mouse. Nasceu em Kansas City em 1901 e faleceu em Burbank em 1971.

<sup>5</sup> O vapor de Willie em português é um curta metragem preto e branco da Walt Disney Studios que é caracterizado e lembrado pelo rato assumindo o timão e assoviando.

<sup>6</sup> É uma série de desenho com 75 episódios, e é notável por sua inovação com Technicolor e câmera de cinema multiplano. Foi responsável pela estreia do Pato Donald.

<sup>7</sup> Columbia Pictures Industries, Inc. é uma produtora e distribuidora de filmes norte-americana. É uma divisão da Sony Pictures Entertainment. O estúdio foi formado em 1918.

popularidade o levou a ser relançado nos cinemas várias vezes nas décadas seguintes, mas foi apenas nos anos 90 que seu lançamento em Home Vídeo aconteceu. O filme foi um marco na história da animação, pois recebeu diversos Óscares, sendo selecionado para a preservação no *National Film Registry*<sup>8</sup> pela Biblioteca do Congresso<sup>9</sup> em 1989 por ser “culturalmente, historicamente e esteticamente importante”. Bem como, foi classificado na lista de melhores filmes estudinenses pelo American Film Institute que também o premiou como maior animação americana de todos os tempos em 2008.

Com o sucesso do filme da Branca de Neve, os estúdios Walt Disney abriram as portas para novas princesas. O segundo filme de contos de fadas com uma princesa feito pela Walt Disney foi a Cinderela, filme lançado no ano de 1950, arrecadando US\$ 263,6 milhões, contando a história da filha de um senhor viúvo e o abuso de sua madrasta e como a ajuda de uma fada madrinha, ela casou-se com o príncipe. No ano de 1959 foi lançado o filme A Bela Adormecida, o filme com maior gasto e menor retorno da Disney, o que a fez congelar por trinta anos até o lançamento do filme A Pequena Sereia, que trazia consigo uma proposta nova, um musical. A partir deste momento, a Disney começou a lançar diversos filmes de princesas e outros contos de fadas, futuramente regravando esses filmes em live-action.

O estúdio Walt Disney hoje é uma superpotência mundial, com onze parques temáticos em quatro lugares do mundo, mas para obter todo esse sucesso mundial ela não se fixou apenas nas reestreas da princesa Branca de Neve. Treze anos depois ela lançou a curta metragem da gata borralheira, a “Cinderela”. Após esses lançamentos, com diversos prêmios e indicações, a Disney Studios se aventurou lançado mais dez filmes de princesas e suas sequências, contando a história depois do feliz para sempre. Mas nem só de animação vive os estúdios da Walt Disney Company, com a modernidade chegando, o estúdio resolveu trazer as princesas à vida real e física com os filmes de live-action<sup>10</sup>. Com a inserção das antigas princesas ao mundo do live-action, a Disney Studios precisou adaptá-las ao cenário atual que reside na sociedade, mudando parcialmente sua história e sua personalidade, para abandonar a personalidade frágil, medrosa e inocente, para uma mais forte, destemida e corajosa, como acontece no live-action do filme “A Bela e a Fera” e no live-action da “Cinderela”, onde, até mesmo, a fada madrinha ganha uma nova personalidade.

As mudanças não se tratam apenas nos filmes de live-action, mas também nos filmes

---

<sup>8</sup> É uma seleção de filmes escolhidos pela National Film Preservation Board.

<sup>9</sup> É a biblioteca de pesquisa do Congresso dos Estados Unidos, sendo a Biblioteca Nacional e a instituição cultural mais antiga do país.

<sup>10</sup> Ato real, ou live-action em inglês, em cinematografia ou vídeo grafia, é um termo utilizado para definir o trabalho feito por atores reais, ao contrário das animações.

de animações. Os filmes de animações mais recentes da Disney nos mostram as princesas completamente diferentes das quais crescemos. Os filmes “Mulan”, “A Princesa e o Sapo”, “Enrolados”, “Valente”, “Frozen” e “Moana” nos trazem princesas com personalidades e características fortes e marcantes, que lutam em guerras, trabalham, são aventureiras, e o mais importante, o seu dia e o seu final feliz, não dependem de um casamento com um príncipe encantado, pois, tudo o que lhes acontecesse é fruto de seu trabalho duro. Os filmes animados das princesas da Walt Disney acabam seguindo o progresso e desenvolvimento do movimento feminista, mudando o roteiro e a personalidade das princesas para se encaixar ao entorno social do qual o espectador vive.

As quatro primeiras películas feitas pela Walt Disney retratam a vivência de um núcleo familiar muitas vezes tóxico, onde a madrasta é má e o pai é ausente, trazendo consigo um estereótipo de mulheres que não tem amor pela cria do primeiro casamento do marido, mantendo suas proles por perto e excluindo a prole do marido. Pois, segundo Beauvoir (1949, p.103):

Quando se admite que os filhos de uma mulher não são dela, passam eles a não ter nenhum laço com o grupo de origem da mulher (BEAUVOIR, 1949, p.103).

Mas não tratando apenas de base de relacionamento familiar, podemos analisar esse comportamento das madrastas como o perigo em que as primeiras feministas poderiam trazer ao núcleo familiar. Apesar do primeiro movimento feminista ter surgido com fins de igualdade política e jurídica entre os sexos, ele era mal visto pela sociedade patriarcal, onde, a mulher desempenhava apenas o papel doméstico e materno. As mulheres que lutavam por direitos iguais de cidadania, que já eram exercidos pelos homens, eram vistas como gananciosas más e destruidoras de um lar perfeito e familiar. Um método para impedir o avanço dessas ideias era a utilização dos meios de entretenimento, publicidade e propaganda que a época presente dispunha. A vinculação dessas personalidades e atitudes em filmes infantis alertava as crianças e os pais do perigo do feminismo, mostrando que se as mulheres adquirissem os mesmos meios políticos e jurídicos dos homens, cenas de maus tratados de crianças e o abandono maternal seriam comuns.

O movimento feminista teve suas primeiras chamadas acessas no período da Revolução Francesa, onde as mulheres começaram a fazer denúncias e se revoltar pela pressão que sofriam dos homens, onde apenas com o movimento iluminista que o movimento feminino ganha mais força e então surge o movimento feminista moderno. Mas, apenas no século XIX que a chama do movimento começou a ser acessa no período da Revolução Industrial, período

em que as mulheres europeias começaram a trabalhar nas fabricas e fazer parte da economia. Com esses empregos ocupados por vagas femininas, as mulheres obtinham dupla jornada de trabalho, o que levariam muitas a participar de sindicatos de trabalhadores, sendo a grande maioria, lutar pelos seus direitos, como horas de trabalho reduzidas e segurança, assim como salários maiores.

Porém, foi apenas com as sufragistas nos Estados Unidos no ano de 1920 que as chamadas do feminismo atingiram seu clímax e espalharam-se para novos países. As sufragistas tinham como objetivo conquistar seu direito ao voto, pois elas ficaram fora das possibilidades de sufrágio junto com os analfabetos, por questões políticas e sexistas dos países que começaram a constituir sua onda democrática. As sufragistas também ficaram conhecidas como as responsáveis pela primeira onda feminista. A partir desse momento e das vitórias conseguidas até então pelas feministas antepassadas, os movimentos feministas começaram a crescer e se expandir em seus objetivos, como, por exemplo, a segunda onda feminista que iniciou em 1960 nos Estados Unidos, ampliando o debate das sufragistas, trazendo assuntos como sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos e desigualdades legais.

Com o fracasso da segunda onda feminista quanto a questão do trabalho e estudos femininos, a terceira onda veio em 1990 com o objetivo de retaliar os movimentos e iniciativas criados ao longo da segunda onda, e, dar mais voz as mulheres não-brancas, de outras etnias, religiões e origens culturais. A terceira onda feminista conseguiu expandir os direitos legais das mulheres e apagou a ideologia de “feminismo vítima”, que foi criada na segunda onda. Com a expansão da luta das mulheres e o fortalecimento do movimento feminista, a quarta onda feminista entrou em prática no ano de 2012, com o aumento de interesse no movimento e o auxílio das redes sociais.

Atualmente está em curso a quarta onda feminista, que procura a justiça e se opõe ao assédio sexual e a violência contra as mulheres<sup>11</sup>. Com a ajuda das redes sociais, como *Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, Tumblr e Blogs*, as feministas procuram contestar a misoginia e as desigualdades de gênero, combatendo também o assédio, a violência sexual e a cultura do estupro que estimularam a crescente luta do movimento. Com as lutas e mudanças dos objetivos das feministas, os filmes infantis com enfoque em personagens femininos também começaram a alterar suas personalidades e histórias.

A sociedade nos levou a crer que o feminismo seria um movimento de desordem e de desavenças, colocando as mulheres que participam desse movimento como desordeiras dos

---

<sup>11</sup> Não é objeto de estudo desse TCC a análise da quarta onda, mas julga-se importante informar a etapa em curso.

bons princípios e valores familiares. Mas quem criou os princípios de feminilidade? Segundo Beauvoir (1949), a humanidade é masculina, o homem decide o valor da mulher e dita regras, a sociedade se dobra ao homem, ao Sujeito, enquanto a mulher, o Outro, obedece ao que lhe é imposto e escolhido para si. Mas a luta pela igualdade de sexos é de autoria feminina? Talvez. De acordo com o referido autor, os homens fazem as escolhas das mulheres e dita o quanto de liberdade ela podem ter, quantos deveres podem exercer, sem atingir o posto de superioridade que ele domina. Esse controle do feminino e os direitos nada mais é que o direito de impor sua superioridade ao Outro. Mas o que é essa vontade de coagir ao Outro? Segundo Beauvoir (1949, p.19), o mesmo destaca que:

Ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade (BEAUVOIR, 1949, p.19).

Beauvoir (1949), cita que os homens temem as mulheres, mas ainda gozam da feminilidade e delicadeza que as mesmas esbanjam e apenas aqueles que não se intimidam, que as reconhecem como semelhantes, é que estão dispostos a conhecer na mulher um ser igual. Mas o que tornou essa violência velada contra o sexo feminino tão forte? Segundo Perrot (2019, p.23), eis que:

Aristóteles (...) estabelece de maneira mais radical a superioridade masculina. As mulheres se movem nas fronteiras da civilidade e da selvageria, do humano e do animal. São uma ameaça potencial para a vida harmoniosa da coletividade. Como mantê-las afastadas? As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, (...) são defeituosas. A frieza da mulher se opõe ao calor do homem. (...) O homem é criador, por seu sopro, opneuma, e por sua semente. (...) A mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo (PERROT, 2019, p.23).

A mulher sempre foi vista como o Outro, o ser mais indomável e indisciplinável, que não deve ser mostrada e ter voz na sociedade. Mas, com o passar do tempo, a natureza incontrolada da mulher, seu lado que beira o animal, não pode ser mais contida, e com isso, os homens foram aos poucos obrigados a dividir seu espaço público com o sexo feminino. Mas essa não foi uma mudança tão produtiva no currículo do sexo feminino, infelizmente, para a mulher expor-se em público sempre acarretaria um meio de os homens diminuírem-nas ou silenciá-las. Mas qual a origem da palavra feminismo? Porque ela é tão mal vista pela sociedade, principalmente pelos homens? Porque a sua origem traz tantos sentimentos adversos para a sociedade ao todo e sua luta é tão desmerecida pela comunidade geral? Perrot (2019), comenta que a palavra pode ter a mesma paternidade de Pierre Leroux, o inventor do “socialismo”, mas que seu significado pode ser mais pejorativo, pois, “o feminismo era a doença dos homens suficientemente ‘efeminado’ para tomar o partido das mulheres adúlteras,

em vez de vingar a própria honra” (PERROT, 2019, p.154).

Com o passar do tempo a palavra feminismo começou a ter vários adjetivos e substantivos, mudando o sentido da palavra, mas nunca deixando de ser a “causa das mulheres”. Mas, mesmo com a alteração dos significados e sua classificação sendo cada vez mais clara, os estereótipos das mulheres dos movimentos continuavam sendo fantasiados, como mulheres assustadoras, de aparência feia e de costumes estranhos. Mesmo com a sociedade bordando aparência e costumes para o movimento e para as participantes, porque o movimento não costuma ter grandes manifestos violentos como os outros? Pois, segundo Perrot (2019, p.162), “Toda a história das mulheres foi feita pelos homens”, sendo que, de igual modo, Beauvoir (1980, p.168) afirma que ‘O feminismo nunca foi um movimento autônomo’.

## 2 “ERA UMA VEZ, NUM REINO MUITO DISTANTE”: A ANÁLISE DE GÊNERO E A PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO NO FILME A BELA ADORMECIDA

*“És tu, meu príncipe? Esperei  
tanto tempo por ti!”*

**Aurora, A Bela Adormecida**

Segundo o artigo “Uma análise histórica introdutória das três ondas do pensamento feminista” dos escritores Cardoso e Silva (2018), a revolução feminista iniciou nos momentos em que as ideias de filósofos franceses iluministas abriam espaço para o questionamento da diferença de tratamento entre os sexos feminino e masculino e a participação das mulheres na vida pública. Com estas ideias as mulheres começaram a reunir-se e discutir os problemas da sociedade em que habitavam no momento, propondo debates e conversas filosóficas com intelectuais femininas, o que era mal visto pelos políticos e intelectuais masculinos, que priorizavam seu domínio na sociedade. Com o fim do iluminismo, a Revolução Francesa trouxe à tona os direitos das mulheres, que procuravam manter-se à frente dos assuntos políticos e ter uma vida pública participativa igual as dos homens. Nesse período a ativista e filósofa Mary Wollstonecraft<sup>12</sup> escreveu o tratado *Uma reivindicação pelos direitos da mulher* (1792) no qual ela argumenta que as mulheres não são inferiores aos homens por natureza,

---

<sup>12</sup> Foi uma escritora inglesa do século XVIII, assim como filósofa e defensora dos direitos das mulheres. Através de seus livros de romance, viagens e tratados ela procurava defender o direito da mulher.

mas, o que lhes falta é apenas estudo, defendendo a igualdade política e escolar entre os homens e as mulheres, que diferia do já tratado *The Rights of Men* (“Os direitos do homem”) de Thomas Paine.

Wollstonecraft acreditava que quando a sociedade tratava da palavra homem, ela o usava no geral para descrever uma população humana inteira, mas se afastou dessa ideia quando o antigo bispo de Autun defendeu que as escolas para as mulheres deveriam ir até a oitava série, enquanto os homens poderiam seguir com seu estudo. Com isso Wollstonecraft planejou seu livro e levou três meses para terminá-lo, no livro ela deixa claro o desprezo com os governantes, com os impostos, as leis que favoreciam o controle dos homens sobre as mulheres e defendia a participação das mulheres na política, vida pública e o direito por sua própria vida, atacando aqueles que queriam manter as mulheres submissas. Wollstonecraft foi considerada a primeira sufragista que lutou avidamente e publicamente pelo direito livre da mulher.

Anos após Wollstonecraft e a revolução francesa, as sufragistas surgem na Inglaterra com um movimento ensurdecedor que alcança os países fora da Grã-Bretanha e do oriente. As sufragistas inglesas surgem com o objetivo de reivindicar seus direitos políticos, em especial o direito ao voto feminino e a eleição de mulheres na vida parlamentar. O movimento sufragista teve seus primeiros momentos de luta e militância no privado e atingiram o público, onde as mudanças começaram a acontecer aos poucos como afirma Hernández (2009, p.62):

(...) A las colecciones de delicadas porcelanas se sumaron colecciones de multas y amonestación eso partes de arresto (...) pero también condecoraciones por Haber permanecido em prisión. (...) Em El armario de la ropa blanca se escondieron botellas de ácido, martillos, placas de matrícula falsas para motocarros y panfletos incendiários. También unas bolas pesadas (pero inocentes) emn las que se lía: ‘*bomba*’ (HERNADEZ, 2009, p.62).<sup>13</sup>

O movimento sufragista britânico surgiu especificamente para garantir o voto feminino e a participação na vida pública. Após o movimento, começou o desejo por mais liberdade que apenas o voto e a participação das mulheres na vida pública, assim como, iniciou a luta pelo direito de estudar o ensino básico e superior, de conseguir cargos que antes eram destinados apenas aos homens e de conseguir empregos melhores do que já era oferecido. Aos poucos o movimento sufragista começava a crescer e ter presença nas ruas de Londres e toda a Inglaterra, sendo passivo-agressivo, utilizando-se dos meios de comunicação

---

<sup>13</sup> “As coleções de delicadas porcelanas foram trocadas por coleções de multas e avisos ou decretos de prisão (...) e condecorações por ter sido presa. (...) Nos armários de roupas brancas se escondiam garrafas de ácido, martelos, registro falsos de motocicletas e panfletos incendiários. Também bolas pesadas (mas inofensivas) em que se lia: ‘*bomba*’.” Livre tradução da autora do TCC.

da época, como jornal, panfletos, teatros e comícios públicos para abordar o tema e demonstrar a força da imagem pública da mulher que era ofuscada pelo poder masculino, que se representava organizada, criativa, comunitária, solidária, beligerante e transgressora (HERNÁNDEZ, 2009).

No princípio, o movimento sufragista britânico era um único grande grupo que tinha como seu principal objetivo a conquista do direito ao voto feminino, tendo como lema muitas vezes “voto ou morte!”, mostrando a força do seu movimento. O movimento sufragista não era apenas um movimento social breve que buscava obter direitos, mas sim um movimento social e político, moral, psicológico e profundamente religioso, desejando e mostrando o poder feminino nas suas conquistas e direitos, montando um espetáculo que deixaria o público maravilhado e desclassificaria o teatro masculino (HERNÁNDEZ, 2009).

Com o passar do tempo, as mulheres começaram a unir-se em dois grupos políticos que tinham o mesmo objetivo, o voto. A primeira organização em grupo político foi criada por Millicent Garret Fawcett em 1897 sobre o nome de *National Union of Women's Suffrage Societies*<sup>14</sup>, o NUWSS, ou as constitucionalistas. A organização se firmava nas bases das sociedades sufragistas de diversos meios políticos presentes no momento, tendo raízes firmes estabelecidas nos movimentos sufragistas. O NUWSS uniu-se com 119 sociedades sufragistas diferentes e era caracterizado por sua homogeneização social, política, cultural e religiosa, obtendo uma pluralidade interna e uma estrutura flexível com múltiplas líderes feministas. A sociedade NUWSS integrava mulheres da alta classe de Gales e da Irlanda, casadas com estudiosos ou políticos importantes pró-sufragistas que as auxiliavam na campanha ao direito ao voto feminino. A política do grupo não era antigovernamental, pelo contrário, acreditavam numa igualdade política e pacífica entre os sexos femininos e masculinos, e, para garantir essa igualdade partiram para o espaço público, utilizando-se de discursos para mostrar sua presença e visibilidade. Os discursos normalmente ocorriam em comícios políticos ou em praças públicas, eram feitos por mulheres que tinham o dom natural do convencimento e da paixão, mas não era fácil para muitas mulheres vencerem os homens com esse discurso, como cita Hernández (2009, p.67):

(...) Algunas de ellas usaban esos “trucos oratórios” para seducir a su audiencia: ‘No estoy denegando que haya mujeres absolutamente idiotas ... – decía una confederante sufragista – Dios las hizo para igualar a los hombres’. Cuandola oradora terminaba la primera frase los hombres presentes aplaudían (HERNANDEZ, 2009, p.67).<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> “União Nacional das Sociedades de Sufrágio Feminino.” Livre tradução da autora do TCC.

<sup>15</sup> “Algunas delas usavam ‘truques oratórios’ para seduzir a audiência: ‘Não estou negando que haja mulheres

O grupo NUWSS foi de certa forma um movimento pacífico e voltado ao polo político da época, ao quais as mulheres utilizavam da alta influência de seus companheiros para obstinar seus planos do voto feminino.

O segundo movimento político sufragista surgiu no ano de 1903, liderado por Emmeline Pankhurst e sua filha mais velha Christabel. O movimento com o nome de *Women's Social and Political Union*<sup>16</sup>, o WSPU, tinha o mesmo objetivo que o NUWSS, com a única diferença de que a liderança do movimento era hierárquica. A WSPU, segundo Emmeline, era um exército que entrava em constante batalha pelo sufrágio feminino, sendo um exército voluntário, que traria a todas as mulheres o direito de seu voto. Graças à organização de Emmeline e sua filha, o movimento agia em momentos estratégicos, chamando a atenção pela obediência a líder. O jornal Daily Mirror as apelidou de modo desrespeitoso de *suffragettes*, um grupo mais violento que sucedia as sufragistas, termo esse, que o movimento adquiriu junto com o slogan de “escrituras, não palavras!”, que se referia a ação que estavam dispostas a tomar e as ações que estavam dispostas a receber. As militantes do WSPU desenvolveram diversas táticas, sendo uma delas a “agressiva”, que levava as mulheres a causarem mais barulho que o permitido em uma manifestação sufragista. O movimento também se aliou a homens estudiosos e políticos pró-sufragistas.

No entanto, por mais que os dois movimentos sejam diferentes, não havia uma separação definitiva em seus objetivos ou modo de atuação, mas sim, uma junção de táticas e movimentos parlamentares e públicos que beneficiava os grupos como um todo. Afinal, “¿Que importa se somos llamadas sufragistas o *suffragettes*? Cientos de nosotras somos ambas cosas’ – afirmaba una constitucionalista”<sup>17</sup>.

O movimento sufragista passou a ser “agressivo” a partir de certo momento, com manifestações que tomavam espaços públicos importantes como o senado, galerias, praças, teatros, prefeituras e entre outros, gritando frases que exigiam seus direitos de liberdade e participação política e pública. Mais que um movimento pelo direito ao voto e escolaridade, o movimento sufragista foi responsável pela mudança comportamental das donas de casa e uma visão mais acalorada das *suffragettes*<sup>18</sup>, mostrando-as comoas grandes vilãs, destruidoras de famílias, e, em um sentido de percepção pública, bruxas perversas.

absurdamente idiotas... – dizia uma palestrante sufragista – Deus as fez para ser iguais aos homens. ’. Quando a oradora presente terminava a primeira frase, os homens presentes as aplaudiam. ” Livre tradução da autora do TCC.

<sup>16</sup> “União Social e Política das Mulheres. ” Livre tradução da autora do TCC.

<sup>17</sup> “De que importa se somos chamadas de sufragistas ou sufragetes? Somos cientes que somos ambas as coisas. – afirmava uma constitucionalista. ”. Livre tradução da autora do TCC.

<sup>18</sup> Mulheres que participaram avidamente do movimento do sufrágio.

As sufragistas e sua luta foram responsáveis por mostrar as mulheres em como encontras as chaves das portas que uma vez lhes foram fechadas. Sendo o precursor dos movimentos feministas, o sufrágio foi responsável por mostrar as mulheres que elas poderiam ter mais direitos que lhes era permitido pela lei dos homens.

A primeira onda do feminismo, ou o sufrágio, é um elo de ligação entre o filme ‘A Bela Adormecida’ e o papel da mulher na sociedade. O filme conta a estória da princesa Aurora, que, quando criança foi amaldiçoada pela bruxa Malévola por não ter sido convidada pelo rei e a rainha para o batizado de sua primeira filha. O filme lançado no ano de 1959 caminhava junto com o momento mais acalorado do sufrágio e a iniciação das ideias da segunda onda feminista, onde, o feminismo já tinha saído da Grã-Bretanha e adentrado a cabeça das mulheres fora do contexto da Inglaterra.

O filme “A Bela Adormecida” é a retratação da visão das sufragistas, mulheres que eram donas de si e de seus direitos, que iam à luta para alcançar seus objetivos e das mulheres que se mantinham donas de casa e submissas ao núcleo familiar, sendo, cada uma delas representada em cada personagem feminina da estória. A animação foi trabalhada durante anos pelos estúdios Walt Disney, incorporado com personagens à base de pessoas físicas e reais, cenários feitos a mão por artistas e cartunistas experientes da época, levando anos até sua conclusão e tendo um orçamento de 57,6 milhões de dólares, arrecadando apenas 5,6 milhões de dólares, sendo responsável pelo congelamento de 30 anos da Walt Disney. Esse congelamento deve-se pela estória do filme que foi produzida contrariando as lutas do sufrágio e expondo a opinião popular do período sobre as sufragistas e o mal que elas causavam as mulheres de núcleo familiar. O descongelamento da Walt Disney deu-se somente em 1989 com o lançamento da animação da “A Pequena Sereia”, um filme mais voltado aos ideais do sufrágio feminino e as ideias que levavam ao início da segunda onda nos anos 90.

## 2.1 A ANÁLISE DO GÊNERO FEMININO NO FILME DA A BELA ADORMECIDA E SUA PARTICIPAÇÃO COM A PRIMEIRA ONDA FEMINISTA.

*“A princesa não morrerá, apenas cairá em um sono profundo que durará 100 anos”.*

**Fada Primavera, A Bela Adormecida**

A primeira onda feminista foi conhecida pelo movimento de sufrágio, o qual tinha como objetivo principal o direito ao voto feminino e a participação da mulher na sociedade, seja em local público ou privado. Com o passar dos anos, demais objetivos secundários foram sendo trazidos em suas falas e protestos, como os direitos do trabalho feminino, o desligamento da imagem da mulher, o trabalho doméstico e o direito de estudo básico e superior ao sexo feminino, direitos esses que já eram concedidos aos homens desde seu nascimento. Tais pontos do sufrágio feminino são mostrados de forma partidária nos personagens femininos do filme ‘A Bela Adormecida’.

Mas por que a análise deste filme, em especial nas características físicas e comportamentais das personagens femininas, é essencial para compreendermos o ceticismo em relação ao início do movimento das mulheres em busca de seus direitos na sociedade? O filme ‘A Bela Adormecida’ retrata os dois estereótipos que estavam presentes sobre o olhar e julgamento da sociedade masculina, a mulher feminina, dedicada e inocente, e a mulher sem feminilidade, inteligente, rancorosa e independente. E porque a inteligência diante da visão do sexo oposto era tão mal vista? Qual era a necessidade de manter a aparência feminina voltada para a beleza e submissão? Qual o motivo de tanta exaltação do poder masculino em um filme infantil? E o mais importante, quanto vale o silêncio feminino e a necessidade de manter-se no passado para justificá-lo?

O filme ‘A Bela Adormecida’, foi lançado no ano de 1959, momento em que o movimento sufragista mostrava-se em seu momento mais enérgico, em que tinha mais expectadores femininos e masculinos, apontando novas ideias, além do direito ao voto e afastando a figura feminina do lar. Ideias essas que seriam utilizadas pela segunda onda feminista. Contando a estória da princesa Aurora e da vilã Malévola, o filme representa os dois modos femininos que estavam presentes na sociedade sob o olhar masculino: a divisão da sociedade feminina que se dava pelas donas de casa não adeptas ao sufrágio e, as sufragistas, mulheres independentes que iam as ruas em busca de seus direitos e de todas as outras mulheres. O filme deixa clara a opinião masculina sobre o momento em que a sociedade feminina estava vivendo e a visão dos dois modelos femininos existentes.

A beleza é um ponto crucial da luta das sufragistas neste período do pensamento da primeira onda feminina. Segundo as autoras como Friedan (2020), Wolf (2020), Perrot (2019) e Beauvoir (1949), a beleza feminina comentada pela sociedade não era de modo estético, mas sim de modo doméstico, ou seja, a aparência era apenas um bônus nessa beleza. Esta beleza feminina era considerada pelos homens o molde do caráter feminino e sua

personalidade, as mulheres que dispunham de um ser “Impotente, fútil, passiva, dócil” (BEAUVOIR, 1980,p.73), eram bem vistas pela sociedade machista do período sufragista. As mulheres que já não esboçavam esse ser manipulável e submisso que os homens tanto desejavam, eram taxadas de feias, masculinas e arrogantes.

Wolf (2019), refere-se a esse momento da história feminina como o mito da beleza, que descreve as mulheres como uma poderosa arma política utilizada pelos homens para manter o domínio masculino e a beleza plastificada da vida da dona de casa, mostrando que a maternidade, domesticidade, castidade e passividade são atributos de extremo valor em uma pessoa do sexo feminino. A autora também traz que esse mito foi criado para que as mulheres sofressem um controle social enquanto procuravam meios de se libertar da mística feminina. A mística feminina, na visão de Friedan (2020), nomeada de ‘o problema sem nome’ que atingiu todas as donas de casa de todos os cantos dos Estados Unidos nos anos 1950, tinha em comum as mulheres donas de casa, mães, desempregadas e submissas aos seus maridos, que acreditavam que exercendo o papel de domesticidade estaria ao mesmo patamar que o homem.

O mito da beleza e a mística feminina acabam tornando-se os pontos principais da análise do filme. O tema de beleza que é utilizado no filme para descrever e dar personalidade as personagens é o da exaltação da mulher perfeita e doméstica submissa aos seus desejos e ao seu marido. Wolf (2019), explica em seu livro ‘O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres’, que a beleza passou por diversas mudanças conforme as ondas feministas ganhavam força entre as mulheres, isto é, todas essas mudanças tinham como objetivo diminuir e enclausurar o movimento e manter a superioridade masculina na sociedade. No movimento sufragista o aspecto de beleza merecedor de atenção era a beleza da mulher doméstica e submissa e, a beleza disforme das sufragistas era motivo de repulsa e negação dos direitos femininos. Segundo Beauvoir (1980, p.364):

O quinhão da mulher é a obediência e o respeito. (...) Quotidianamente, a cozinha ensina-lhe paciência e passividade; é uma alquimia; cabe-lhe obedecer ao fogo, à água; “esperar que o açúcar derreta”, que a pasta fermente e também que roupa seque, que as frutas amadureçam (BEAUNVOIR, 1980, p.364).

Apesar de não ser uma lei dentre a comunidade feminina, o sonho de toda mãe doméstica era da filha ser uma dona de casa igual a ela. Ideias estas impostas pela sociedade masculina do período que tinham receio da força das mulheres, como dito anteriormente, o homem utilizava de sua força e dominância para oprimir o Outro, mostrando-se como único Sujeito merecedor de direitos e poder. Mas nem todas as mulheres procuravam se estabelecer

como donas de casa. A luta pelo seu direito ao voto e a escolaridade superior as colocavam em um rótulo, criado pela sociedade machista para diminuir a força sufragista, denominado de Feminista Feia para descrever as participantes do movimento, para ridicularizá-las, para as deixarem vistas como “mulheres grandes e masculinas, de botas e charuto, dizendo palavrões como um soldado’ (WOLF, 2020, p.37-38). Com essa separação de beleza feminina, fica explícito o modo de visão da sociedade sobre as mulheres ativistas e aquelas que preferiam continuar a vida do trabalho doméstico.

Essa diferença de papéis femininos é retratada no filme *A Bela Adormecida*, onde a princesa Aurora mostra-se como o auge de beleza, doçura, feminilidade e inocência que se esperava de uma mulher, graciosidade essa que lhe foi concedida em seu nascimento, não apenas pelas boas fadas, mas também por ser a heroína loura do filme. Nos momentos finais do filme, em modo de provocação ao herói e príncipe Filipe, a vilã Malévola menciona os cabelos dourados como os raios de sol da princesa e da beleza adormecida na mais alta torre do castelo que será esquecida. Esse aspecto de louricidade estimulada pelos homens era um atrativo a mais para a beleza feminina, que conforme menciona Friedan (2020), o desejo das mulheres em tingir seus cabelos de louro, era a crença que o tom as deixariam sem expressão, com corpos de modelo e lhes traria o aspecto de juventude. O tom loiro e sua superioridade a qualquer outro tom de cabelo não é trago apenas pela referida autora, mas também por Beauvoir (1980) onde a autora enuncia que toda heroína literária, escrita pelos homens, sobressai-se sobre a mulher morena e vil.

Esse fetiche pelo tom dourados nos cabelos das heroínas dóceis e domésticas é explicado por Perrot (2019), pois segundo ela, as mulheres antes de tudo são aparências, uma imagem, e os cabelos tornam-se a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado, o corpo da mulher. De acordo com a referida autora, os cabelos é o sinal de submissão da mulher ao homem. O tom louro dos cabelos remete-se aos anjos, logo, uma mulher com o cabelo alourado é o significado de perfeição.

Figura 1 – Cena do filme ‘*A Bela Adormecida*’, a princesa Aurora dentro da cabana do lenhador onde mora com as fadas Fauna, Flora e Primavera



Fonte: Google imagens. Filme A Bela Adormecida (1959).

Já distante do aspecto de beleza e doçura da princesa Aurora, temos a vilã, Malévola, que utiliza trajes de coloração escura e nada feminino, junto com um par de chifres, com a cabeça e cabelos cobertos por um manto, sua pele é cinzenta, aparentando um aspecto doente e vil. A vilã também carrega um linguajar mais complexo e é dotada de sarcasmo em suas falas. A personagem Malévola torna-se a personificação das sufragistas da época, que se opunham contra a dominância masculina. Na visão de Wolf (2020), a figura feminina que a vilã representa, as obras escritas por homens tratam de separar as mulheres em beleza-sem-inteligência e em inteligência-sem-beleza, colocando em suas histórias uma ligação entre mulheres bonitas e mulheres feias, pois sentem-se melhor se puderem defini-las como um fracasso ou um sucesso de acordo com o mito da beleza. Malévola é a personificação da feminista sufragista, ou seja, ela representa a decisão das mulheres em correr atrás de seus direitos, que são concedidos apenas aos homens, ela abandona sua feminilidade e doçura, tornando-se feia e rancorosa, tentando a todo momento levar as mulheres domésticas para o seu caminho.

Figura 2– Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, a vilã Malévola dentro do castelo do rei, na festa de nascimento da princesa Aurora, segurando seu cajado e com seu corvo



Fonte: Google imagens. Filme A Bela Adormecida (1959).

A beleza feminina está presente em discussões desde os tempos medievais, carregando com ela discussões sobre a puberdade feminina e relacionamentos amorosos. Apesar de passar por mudanças, o tópico ganha uma mudança mais radical com a chegada das sufragistas, onde até então a beleza feminina era genérica, vinculada ao serviço doméstico e a

submissão. O trabalho feminino antes da primeira revolução feminista era voltado ao campo, o homem era o pilar da família, enquanto a mulher, sua subjugada, era quem cuidava da lavoura, pasto, animais e casa. Mas como surgimento das fábricas, a mão de obra feminina pôde ser contratada a partir dos quatorze anos de idade, chamando a atenção dessas meninas e mulheres camponesas, pois com a chance de ganhar mais dinheiro tinha-se a oportunidade de manter a casa, a família, ajudar nas despesas junto com o marido e manter a escola do filho(PERROT, 2019).

Com essa evasão do campo e inserção das mulheres no trabalho operário, os homens desejavam a mulher perfeita, dotada de boa educação e dona de casa, além de não esperar dividir seu espaço e trabalho com elas. A mulher que invade o território masculino acaba perdendo sua consciência feminina e de dona de casa, tornando-se assim um ‘homem incompleto’ ou, de acordo com Beauvoir (1949), ‘um homem mutilado’. Quando a mulher nega seu trabalho doméstico para assumir o trabalho masculino e logo procurar por seus direitos, ela abandona sua feminilidade e os relacionamentos amorosos entre seu futuro marido e filhos, entrando na divisão de beleza-sem-inteligência e inteligência-sem-beleza. Essa relação entre beleza e inteligência fica clara a partir do momento em que as duas personagens principais são apresentadas na estória. Aurora em sua primeira aparição traz o mito de que a beleza só é feita a partir do momento em que a mulher se torna feminina e dona de casa, pois, em cenas muito próximas os diretores deixam claro que a beleza verdadeira é a de dona de casa.

Figura 3– Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, Aurora aparece pela primeira vez na janela da casa de suas tias limpando a janela enquanto cantarola



Fonte: Google imagens. Filme A Bela Adormecida (1959).

Figura 4 – Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, Aurora descendo as escadas da casa de suas tias com um pano e uma vassoura



Fonte: Google imagens. Filme A Bela Adormecida (1959).

Esse estereótipo de beleza é muito comentado pelas autoras aqui já citadas, onde as mesmas ressaltam que a visão do ser feminino pela sociedade de dominância masculina só é admirada e amada pela sua submissão e fácil dominância, com a mulher colocando os desejos de seu acompanhante acima dos seus, pois, segundo Beauvoir (1949), para ser uma mulher é necessário abdicar de seus desejos. Já com a vilã do filme, é possível ver o mau estado de seu castelo, quando nele não há móveis e está em constante estado de dano e se parece mais com uma ruína. Esse é um dos paradigmas exaltados pela sociedade conservadora da época, segundo um relato do livro de Friedan (2020,p.50):

A heroína jovem e casada (...) apelidada de Junior, recebe a visita de uma antiga colega de quarto da faculdade. A colega, Kay, é ‘uma moça com mentalidade masculina, na verdade, com a cabeça boa para negócios’. (...) essa demoníaca mulher com uma carreira tenta Junior com a proposta de emprego, para que ela deixe de amamentar o bebê. Chega até mesmo a impedir que a jovem mãe vá ver a filha quando ela chora às duas da manhã. Mas ela recebe o castigo merecido quando o George, o marido, encontra o bebê chorando, descoberto, sob um vento congelante que entra pela janela aberta, com sangue escorrendo pela bochecha. Kay, emendada e arrependida, falta ao trabalho para buscar o filho e começar uma nova vida. E Junior, regozijando-se com a mamada das duas da manhã – ‘estou feliz, feliz, feliz por ser apenas uma dona de casa’ -, começa a sonhar com a filha tornando-se uma dona de casa também (FRIEDAN, 2020, p.50).

No ano de lançamento do filme, a sociedade feminina ainda se dividia entre a heroína *esposa e dona de casa* e a vilã com *um emprego profissional*. A submissão feminina era algo natural para as mulheres que viviam sobre esse período de encobrimento de informações do mundo pelo lado masculino, pois, de acordo com Friedan (2020), para os homens as mulheres interessar-se-iam mais em como ter um filho e manter a limpeza de um abrigo antibombas do que a preocupação da destruição e mortes em massa que a bomba causaria, levando assim, as mulheres a um mundo de completo anonimato e ocultamento de informações. Essa submissão feminina não se dá apenas pelo abafamento de informações, mas sim, pelo poder da dominância masculina.

Essa dominância masculina é um dos principais fatores que leva a princesa Aurora a

não questionar sua vida na floresta e, quando a aparição do príncipe Filipe se torna presente, em não negar-lhe um encontro no dia de seu aniversário de dezesseis anos. Apesar de ser cedo demais para um envolvimento amoroso com o príncipe, Beauvoir (1980) explica que durante a juventude, a moça aguarda o homem. Enquanto Friedan (2020), complementa que as meninas desejavam casar-se logo e construir um núcleo familiar. Mas o que leva a esse desespero por querer-se casar logo? Segundo Wolf (2020), a juventude e a virgindade são belas, mas o envelhecimento é feio, pois com o passar o tempo as mulheres adquirem poder e conhecimento que pode ser utilizado para criar elos entre as novas gerações. Há também a necessidade de mostrar-se útil perante a sociedade masculina e mostrar-se responsável com os afazeres direcionados a si. Dentro do mesmo contexto, Beauvoir (1980), destaca que para agradar é necessário abdicar de seus direitos.

A submissão feminina que a princesa Aurora apresenta, acaba-se por torná-la presa ao seu pai, até então desconhecido. Com a paixão repentina no príncipe Filipe e seu aniversário de dezesseis anos, Aurora tem a verdade imposta a si quando as fadas, que eram suas tias, falam que ela é uma princesa e desde criança já tem o seu destino traçado à um noivo ao qual vai desposá-la. Como Aurora é mulher, seu poder de desafiar não deve e não pode ser mostrado, como, diferente da princesa, o príncipe Filipe desafia o pai para casar-se com ela e não com a princesa que ele nunca viu, pois, segundo Beauvoir (1980), a atitude do desafio que é tão importante nos rapazes, nas mulheres ela é quase desconhecida. E essa liberdade de expressar-se e rebelar-se que os rapazes possuíam fazem com que sua demonstração de sentimentos possa ser mais contida, diferente das garotas.

Com seu desejo e vontade sendo rompido pelos fatores apresentados pelas fadas e seu pai, a princesa Aurora socorre-se em suas emoções, que é facilmente explicado por ela ser uma mulher em sua fase de amadurecimento, pois nesse período mostram-se mais frágeis e mais delicadas, expondo seus atos sentimentais com mais facilidade.

Figura 5 – Cena do filme ‘A Bela Adormecida’, Aurora, chora na cama em seu quarto, ao descobrir que é uma princesa e não poderá se casar com Filipe, o homem que conheceu na floresta



Fonte: Google imagens. Filme A Bela Adormecida (1959).

Segundo Beauvoir (1980), a princesa se entrega tão displicente ao frenesi das lágrimas e das cenas, pois é mais emotiva, mais nervosa, mais irritável que o homem e pode apresentar problemas psíquicos graves, que não é ela, é outra coisa incontrolável. É o ímpeto de sentir que sua liberdade e escolha foram contidas pelo poder de um homem, sendo esse homem o seu pai, o qual usou o nascimento de sua própria filha para firmar acordos entre os reinos. Um desejo do pai que foi realizado logo no início da vida de sua filha fazendo as escolhas por ela e tomando sua liberdade e desejo. Segundo a referida autora, quem cria as regras e comanda a sociedade é o homem e cabe a mulher submeter-se as suas vontades e leis. A autora ainda ressalta que a mulher, quando se entende como mulher, deseja dar orgulho a sua mãe e orgulhar ao seu pai, mesmo que para isso, tenha que viver a vida em cima de regras impostas pelo pai, e, futuramente pelo marido, isso leva com que a princesa Aurora, após receber o beijo que a acorda de seu sono profundo do príncipe Filipe, acate a ordem de seu pai e case-se com ele.

Malévola sendo a vilã do filme é derrotada pelo príncipe, com isso é perceptível a visão que a sociedade masculina tinha das mulheres independentes e não submissas. O final feliz da heroína loura só é possível após um confronto entre a morena de atitude vil e do homem corajoso e desafiador, com a vitória do mesmo sobre a vilã. Malévola existe na estória apenas para exaltar o mito da beleza submissa e do lar.

A primeira onda do pensamento feminista é alavancada em cima da estrutura que a sociedade masculina cria sobre o feminino submisso e o feminino revolucionário, logo, com ela seguem-se os três primeiros filmes da Walt Disney, ‘A Branca de Neve’ de 1937, ‘Cinderela’ de 1950 e o filme aqui analisado, ‘A bela adormecida’ de 1959. Os três filmes têm em comum personagens femininas vis e feias e personagens acalentadas pelo fetiche masculino da dona de casa, submissa e inocente. Há vários motivos pelo qual o filme que conta a estória da mocinha Aurora e da vilã Malévola foi um fracasso em seu lançamento, mas o motivo, pelo viés sociológico que o filme apresenta, é a falta de aparição da princesa, seu silêncio, o excesso de amostragem de poder masculino e a categorização do ser feminino em um momento em que a mística feminina abria espaço para que as sufragetes adentrassem as casas e lares com suas ideias e opiniões. Com apenas quinze minutos de aparição em tela em seu próprio filme, Aurora silenciou a Walt Disney durante trinta anos, anos esses, que

foram ocupados pelas sufragistas e seus ideais, criando espaço para novas ideias e novas militantes do movimento exporem seus desejos e ambições para a sociedade. A mudança e o início das convicções da segunda onda feminista, foram os ideais expostos no filme ‘A pequena sereia’ de 1989, lançado entre o fim da primeira onda e o início da segunda onda, que salvou a Walt Disney de seu silêncio de trinta anos imposto pela princesa Aurora e o excesso de ideais masculinos sobre o comportamento e personalidade dos personagens femininos do longa.

### **3 “E ASSIM, LANÇOU-SE O FEITIÇO”: A EVOLUÇÃO DO PAPEL FEMININO COM A CHEGADA DA SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO NO FILME A BELA E A FERA.**

*“Gaston: Bela, não é certo uma mulher ler. Logo começa a ter ideias, a pensar...”*

*Bela: Gaston, com certeza, você é um homem primitivo.”*

**Bela e Gaston, A Bela e a Fera**

O movimento do sufrágio feminino trouxe consigo ideias da conquista de direitos políticos e estudantis aos quais eram negadas as mulheres. As sufragistas foram responsáveis pela luta democrática perante a lei dos homens para conseguir seu direito em participação da vida política, o direito ao voto feminino e a participação feminina no ensino superior, que até então era apenas permitido que as mulheres estudassem até o ensino médio. Com a luta para conseguir estas conquistas femininas, outros questionamentos sobre a privação de direitos das mulheres no mundo feminino foram criados pelos homens para as damas quando começaram a surgir em meio a essa luta política.

Esses direitos negados que eram questionados pelas sufragistas relacionavam-se entre o poder de liberdade de escolha dos homens e a privação da mulher a casa e a família, assim como, a negação a participação das mulheres no mercado de trabalho e na vida pública e política que era direcionada a sociedade masculina. Mesmo que as sufragistas tenham conseguido o direito ao voto e ao estudo superior, muitas mulheres ainda não tinham a liberdade de votar ou estudar, ou, se utilizassem desse direito, o voto era escolhido pelo marido e as universidades e faculdades eram para encontrar um marido. A segunda onda do

feminismo foi montada em cima do abandono da mística feminina e pela separação da sexualidade e a relação de padrões sociais que são atribuídos aos homens e as mulheres, passando a ser uma luta de essência política e ordem patriarcal (MARTINS, 2015).

Mas afinal, o que era essa mística feminina que as militantes femininas da segunda onda queriam desprender do sexo feminino? Segundo Friedan (2020), que tem um livro intitulado com essa diversidade feminina, a mística feminina era “o problema sem nome” que atingia todas as mulheres dos Estados Unidos, um problema incompreendido pelos homens, silenciado e ocultado pela sociedade, bem como um problema defeso no meio feminino. A mística feminina atingia de modo certo as donas de casa do século XX, que relatavam sentimentos de inquietude, insatisfação e um desejo de algo desconhecido. Mas qual era o problema que causava esses sentimentos nas mulheres? Isso era tudo o que elas poderiam sentir? A autora destaca que, durante quinze anos as damas vivenciaram esse problema em silêncio, perguntando se tudo o que liam em revistas, ouviam em rádios e viam na televisão sobre dedicar-se a ser uma boa esposa e mãe era tudo o que lhes era permitido.

Quando a libertação de algumas mulheres chegou com o sufrágio feminino, foi ensinado as damas de casa, que essas mulheres pelas quais lutavam por esse direito eram neuróticas, masculinizadas e infelizes. As que buscavam a vida pública e financeira sem a ajuda de um homem, que desejavam tornar-se poetisas, cientistas ou presidentas, foi-lhes ensinado a negar todos os direitos conquistados pelas sufragistas. Esse sentimento e trabalho de mãe, esposa e dona de casa foi passado de mãe para filha utilizando o discurso freudiano que a sociedade totalitariamente comandada pelo sexo masculino espalhava.

Discurso freudiano esse que era descontentado por autoras feministas e pensadoras e filósofas femininas. Uma das autoras, que com o lançamento de seu livro em 1949, moveu as estruturas para o questionamento e abandono da mística feminina foi Simone de Beauvoir com a apresentação dos fatos e mitos que separavam os sexos femininos e masculinos por poder e submissão sob a visão da psicanálise e do materialismo histórico em sua obra intitulada de ‘O Segundo Sexo’ (LAGO, 2012). No lançamento de sua obra Beauvoir esclareceu que não era feminista, mas identificava-se com a luta contra a sociedade masculina. Com seu livro em circulação, Beauvoir recebeu diversas críticas de psicanalistas, pensadores e políticos masculinos, mas, mesmo que o livro tenha tornado-se um tabu dentro da sociedade, ele circulava nas mãos de mulheres que eram donas de casa, ou, as filhas delas. O descontentamento feminino começa quando se descobre que elas são ensinadas a obedecer e ceder seus desejos aos homens.

Com frequência elas se questionam sobre seu lugar e seu trabalho e porque os homens ocupavam os locais públicos, as empresas, os meios políticos e o papel de comandantes familiar. Com esse mesmo questionamento, Beauvoir (1949), cita o discurso freudiano utilizado pela sociedade machista para manter o poder masculino e as mulheres presas em sua dominação. A partir deste momento as mulheres começam a ocupar o espaço público, ingressam nas universidades para se formar e não mais para encontrar maridos, começando a participar da vida política, comercial e trabalhadora, invadindo cada vez mais o espaço masculino. Mas o que era esse discurso freudiano? Sigmund Freud foi um médico psiquiatra e neurologista, conhecido como o pai da psicanálise, responsável por criá-la e utilizá-la para explicar o comportamento e as emoções humanas diante de situações cotidianas ou incomuns. Por Freud ser um médico psiquiatra, ele foi responsável por atender diversas mulheres e homens que lhe ajudaram a montar a sua tese da psicanálise e seu discurso. Os atendimentos eram de mulheres infelizes em seus casamentos, lares e profissões, assim como de homens raivosos, arrependidos e felizes. Então, Freud criou seu discurso freudiano para explicar o comportamento e a desvalorização da mulher na sociedade masculina, discurso esse que foi utilizado durante o sufrágio feminino, posteriormente durante a segunda e terceira onda, e por fim, sendo esquecido por uns na quarta onda feminista.

O discurso freudiano explica os sentimentos das mulheres, os dando como ciúmes, inveja e arrependimento por não terem um pênis, o sinal de dominância e poder na sociedade. Tal discurso refutado por diversas autoras que compactuavam com o movimento feminista, algumas delas sendo Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Germaine Greer, assim dentre várias outras. Todas essas autoras traziam questionamentos sobre a veracidade das ideias de Freud, segundo Shulamith Firestone autora do livro ‘A Dialética dos Sexos’, (LAGO, 2012, p.8-9):

Mas havia qualquer valor nas ideias de Freud? Vamos reexaminá-las novamente sobre um ponto de vista mais radical. Acredito que Freud estava falando a respeito de alguma coisa real, mesmo que suas ideias, tomadas literalmente, levem ao absurdo. Com relação a isso, consideramos que o gênio de Freud foi mais poético que científico; suas ideias mais validas como metáforas do que como verdades literais. (FIRESTONE, apud MITCHELL, 1976, op.cit. 364)

E ressalta também a autora do livro *Sexual Politics*, Kate Millet (LAGO, 2012, p.9):

Dado que Freud não tem, na realidade qualquer prova objetiva realmente importante a oferecer para apoiar sua noção de inveja do pênis ou do complexo de castração feminino, não se pode deixar de pensar que o subjetivismo que preside à análise dos acontecimentos é o do próprio Freud, ou então provém de um forte preconceito masculino e até mesmo de um preconceito de supremacia masculina bastante acentuado (MILLET apud MITCHELL, 1970, p.369).

As autoras que citam Freud e seu discurso em suas obras ou falas, ressaltam a falta de comprovação nas ideias do discurso freudiano, questionando se suas teorias e análises não foram mais uma prova para reprimir o sexo feminino e sobressair a dominância e o poder masculino presente na sociedade. O discurso freudiano que apresenta como característica a desqualificação da mulher e seu pensamento, é utilizado de forma ávida para explicar e reprimir o comportamento feminino nas duas primeiras ondas do feminismo e, é relativamente abandonado na terceira e quarta onda, locais onde a mulher mostra-se mais presente no comando de sua vida e seus direitos. Mas qual a conexão entre o discurso de Freud e a mística feminina na segunda onda do feminismo? O discurso utilizado pelos homens para reprimir as mulheres de seus direitos e as manterem em casa é a causa do “problema sem nome” de Friedan (2020). A mística feminina é criada a base do discurso freudiano, pois Freud afirma em sua linguagem psicanalítica, a respeito dos sentimentos e ações femininos sobre as mulheres sentirem-se homens incompletos pela falta de masculinidade, que são homens eunucos<sup>19</sup>.

Mas porque a mística feminina torna-se tão importante perante o discurso de Freud e a segunda onda do feminismo? Friedan (2020), explica que durante a segunda metade do século XX o mundo da mulher restringia-se a um corpo bonito, seduzir homens, ter filhos e servir o marido e os filhos, com isso tornava-se tão monótono e entediante que a partir de certo momento, “o problema” tomava conta da dona de casa. Mas, a sociedade durante anos manteve esse problema calado e oculto, os homens públicos utilizavam de um bordão nazista “*Kinder, Kuche, Kirche*” (filhos, cozinha, igreja) que remetia as mulheres ao seu papel biológico. Mas porque os filhos, a cozinha e a religião eram um papel biológico destinado **só** as mulheres? Segundo Beauvoir (1980), a mulher é uma fêmea, um ovário, uma matriz, e por isso todo seu organismo adapta-se a servidão da maternidade. E o homem? Perrot (2019), comenta que ele é sopro, pneuma, que carrega a semente da vida e por isso abstenha-se da criação de seu filho, assume a paternidade, mas não lhe cria e não lhe ensina, tornando-se raro quando interessasse pelos filhos.

Mas, e a cozinha, porque a mulher era destinada a ela? Ainda segundo Beauvoir (1980), o trabalho da mulher era cometido a si conforme sua força, enquanto o homem propunha-se a atividades que exigissem maior força física e maior desempenho, para as mulheres sobravam os lares, os filhos e a preparação da comida a qual o homem trazia para casa. E a religião era onde as mulheres encontravam-se para separar a vida de dona de casa e

---

<sup>19</sup> Homem que teve sua genitália removida parcial ou totalmente, por motivação bélica, punição criminal ou imposição religiosa.

cultuar uma divindade masculina, enaltecida pelos homens. A medida que as divindades femininas se tornavam mais poderosas que as masculinas, os homens arranjavam um meio de diminuí-la, seja usando o adjetivo da maternidade ou o do casamento com uma divindade mais poderosa.

A sociedade pertencia aos homens, mas as mulheres queriam mudá-la, queriam reparti-la de igual para igual. Quando as mulheres enfim compreenderam o que era o problema sem nome e como ele criou-se dentro de si, o desejo pela reivindicação de seus direitos tornou-se prioridade, as mulheres então passam a estudar, trabalhar, participar de comícios políticos e até tornam-se parte desse meio. O filme ‘A Bela e a Fera’ trabalha com as questões levantadas na segunda onda, trazendo a personagem Bela como a mulher inteligente e astuta, uma vila pequena que ainda vive no passado, um caçador egocêntrico e um príncipe, com o corpo de uma Fera, que a admira e se apaixona pela heroína, por suas qualidades e inteligência, não mais, por sua beleza. O filme lançado em 1991 acompanhava o novo capítulo da revolução feminista, trazendo pela primeira vez um vilão do sexo masculino e não uma vilã do sexo feminino, atentando ao fato de que as mulheres feministas nesse período, já não eram mais o problema principal da comunidade. O herói do filme, um homem transformado em fera por desafiar uma mulher, tem seus sentimentos explorados de modo que nenhum filme anterior da Walt Disney fez, e a heroína, não mais loura, dedica-se ao estudo, mas ainda pretende casar-se, mas não com um homem como Gaston, vilão do filme, porém, procura um relacionamento onde possa encontrar-se livre para decidir suas obrigações. O filme é apenas o início da mudança da Walt Disney com os movimentos sociais.

### 3.1 A ANÁLISE DO GÊNERO FEMININO E A MUDANÇA QUE OCORREU COM A SEGUNDA ONDA FEMINISTA NO FILME DA A BELA E A FERA

*“Alguém pode ser feliz sem ser livre?”*

**Bela, A Bela e a Fera**

A segunda onda do feminismo apareceu em decorrências que não foram solucionadas na primeira onda, como o acesso à educação e trabalho para as mulheres, além do fim da vida de trabalho domiciliar das mulheres e a liberdade dos corpos femininos. Como a educação e o trabalho já tinham sido conquistados na primeira onda, junto com o direito ao voto, em função do discurso freudiano sobre a dominação masculina e a submissão natural das mulheres, ainda

sendo usados na sociedade, esses direitos começaram a ser usados para benefícios românticos, como por exemplo, arranjar um marido. Logo, esses direitos eram abandonados quando as mulheres se propunham em cuidar da casa. Desta forma, as feministas da segunda onda lutavam pelo fim do discurso freudiano e a mística feminina sendo trazidas junto com ele.

O discurso freudiano cria um elo com a mística feminina pois ele relata que a submissão da mulher deve-se a inveja do homem com seu pênis, a falta de força, a falta de voz altiva e ao excesso de emoções. Discurso esse que defende também o trabalho doméstico da mulher, afirmando que ela nasceu e tem o dom natural para ser mãe e dona de casa. Com a utilização desse estudo psicanalítico de Freud, a sociedade masculina criou o papel de dominador e o papel do dominado, separando as atividades da sociedade entre trabalho masculino e trabalho feminino, criando assim, a mística feminina tratada por Friedan (2020). Infelizmente a segunda onda não obteve o sucesso desejado para acabar com o discurso freudiano e a mística feminina, por isso, mais tarde, surge a terceira onda do pensamento feminista.

O filme ‘A Bela e a Fera’, lançado no final do ano de 1991, é o segundo filme após a volta de trinta anos de congelamento da Walt Disney, tendo como antecessor o filme ‘A Pequena Sereia’ de 1989. A partir desse tempo a Disney passou a lançar suas animações junto com as ideias dos movimentos sociais que a sociedade participava. Na estória do filme é possível analisar todas as ideias propostas pela segunda onda feminista e uma pequena sátira das ideologias da sociedade que ainda insistia em viver no momento do sufrágio feminino ou até mesmo anterior, assim como, a mudança de alguns personagens perante as convicções do movimento. Dois pontos a serem destacados nessa estória são os personagens da vila, o convívio entre eles e o personagem Gaston.

Na música de abertura do filme, cantada por Bela, sobre os moradores da vila e Gaston, é possível notar em alguns trechos da música o desejo da personagem Bela em querer mais, o desejo e a superioridade e dominância masculina de Gaston e o desgosto da vila pela personalidade e inteligência de Bela. Para analisar o filme de modo sucinto e cronologicamente, o musical de abertura do filme demonstra a sátira dos pensamentos anteriores e presentes no sufrágio e na segunda onda. No início do musical é possível ver a análise de Bela sobre a vila e seus habitantes.

“Bela: Tudo é igual nesta minha aldeia, sempre está nesta mesma paz. De manhã, todos se levantam prontos para dizer ...

Homem: Bonjour!

Padeiro: Bonjour!

Mulher: Bonjour!

Todos: Bonjour! Bonjour! Bonjour!

Bela: (...) tudo aqui é sempre assim, desde o dia em que eu vim, eu quero mais que a vida do interior! ”

**Música: Bela. A Bela e a Fera(1991).**

Mas o que se refere a essa monotonia de Bela? E o que seria o seu desejo de querer mais que a vida do interior? Ainda na música de abertura é possível destacar alguns pontos referentes as ideias da sociedade masculina, envolvendo o discurso freudiano e a mística feminina, da primeira onda feminista.

“Homem: Essa garota é muito esquisita, o que há com ela? Sonhadora criatura tem mania de leitura...

(...)

Mulher: O nome dela quer dizer beleza, não há melhor nome para ela.

Homem: Por trás dessa fachada ela é muito fechada, ela é metida a inteligente...

Mulher: Não se parece com a gente...

Ambos: Se há uma moça diferente é a Bela! ”

**Música: Bela. A Bela e a Fera(1991).**

Este trecho da música destaca como a Bela era diferente das outras moças e mulheres da vila, pois enquanto acontece o musical, Bela anda pela vila até chegar na biblioteca. Neste caminho ela encontra uma esposa brava com o marido, que estava olhando para outra mulher, encontra três moças louras, uma mulher provando chapéus, uma mulher limpando a casa, uma mãe com filhos e diversas cenas de homens trabalhando no comércio ou voltando com caças e animais em carroças. As cenas podem ser analisadas pela perspectiva do mito da beleza e sobre a mística feminina, onde as mulheres assumem seu papel de dona de casa e da maternidade, cuidando dos filhos e apoiando seu marido em seus negócios e onde as mulheres mostram-se vaidosas e a beleza feminina com relação ao tom dourado dos cabelos.

Figura 6 – Cenas do filme ‘A Bela e a Fera’, onde as mulheres aparecem desempenhando papéis vistos pelo discurso freudiano e a mística feminina



Fonte: Google imagens. Filme A Bela e a Fera(1991).

É possível perceber através da música de abertura como a vila sente-se tão estranha perante a personagem Bela, que mostra-se independente e inteligente. As cenas da vila de Bela, enquanto o primeiro musical ocorre, é possível notar o cotidiano anterior ao sufrágio feminino, pois os papéis dos gêneros são definidos. Segundo Beauvoir (1980), todo organismo feminino adapta-se à servidão da maternidade, a mulher representa um ser imóvel, um vir-a-ser, sendo tudo isso explicado pela lógica de que ela é mais fraca que o homem, remetendo essa fraqueza como destinada a ela por seu trabalho doméstico e maternal. Enquanto o homem trabalha e caça, a mulher cuida da casa e educa os filhos.

Essa divisão de atividades é explicada por Bordieu (2012), em seu livro sobre a dominação masculina, onde o autor comenta que:

(...) A divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora(público) /dentro(privado) (BORDIEU, 2012, p.16).

Essa divisão de sexualidade que fica claro com o personagem e vilão, Gaston. O personagem do Gaston é trago durante o filme como o homem perfeito, másculo e forte, a face da dominância masculina. Bordieu (2012), explica que a voz e corpo ativos masculinos tem relação com os órgãos sexuais de cada gênero, ou seja, o pênis do homem é seco, público, em cima e forte, responsável pelo enchimento, logo, responsável por criar a vida. Enquanto a vagina da mulher é úmida e não mantém dominância por ser relacionada a impotência, o fechado e o embaixo. Gaston é representado por toda essa virilidade masculina, virilidade essa que ele deixa marcado em sua personalidade. Na cena em que Gaston vai até a casa de Bela

para pedi-la em casamento, é marcada pelo local do lado de fora da casa preparado para um casamento, com padre e convidados, em que ele acreditava que ela se casaria com ele por sua proposta. Sua proposta era:

“Bela: Gaston? Mas que bela surpresa!

Gaston: Você gostou? Eu sou sempre cheio de surpresas! Sabe Bela, não há uma garota na aldeia que não adorasse estar em seu lugar. Hoje é o dia. – Gaston para sua fala para analisar-se no espelho.- Hoje é o dia de realizar seu sonho.

Bela: O que você sabe sobre meus sonhos Gaston?

Gaston: Bastante! Olhe! Imagine, – Gaston senta na cadeira e leva seus pés com as botas sujas de barro para cima da mesa e em cima do livro que Bela lia, sujando tudo.- uma cabaninha rústica, - Gaston retira suas botas, mantém os pés em cima da mesa e acomoda-se na cadeira.- minha última caça assando no fogo, minha esposinha massageando meus pés, os pequeninos brincam no chão com os cães, teremos seis ou sete!

Bela: Cães?

Gaston: Não Bela! Garotos robustos como eu!

Bela: Imagine só!

Gaston: Sabe quem será a esposinha?

Bela: Quem será?

Gaston: Você Bela!

Bela: Gaston! Estou, estou sem fala, eu não sei o que dizer!

Gaston: Diga que casa comigo!

Bela: Lamento muito Gaston, mas, acho que não mereço você! ”

**Cena do filme A Bela e a Fera(1991).**

Na cena é possível perceber o que Bordieu (2012) retrata em seu livro, ou seja, que a ordem masculina e sua força evidenciam-se na ratificação simbólica da dominação e do dominado, dividindo assim o trabalho e separando as atividades atribuídas a cada um dos sexos. Beauvoir (1980), também explica esse comportamento de dominação, onde o homem se acha superior a mulher, pois ela tem menos força muscular, menos glóbulos vermelhos e menor capacidade respiratória, tem um desenvolvimento físico menor e não pode competir com o homem. Essa fraqueza e instabilidade, falta de controle e fragilidade levam o homem a exercer seu papel de dominação e a separação do trabalho pelo sexo. Mas é normal que Gaston pense e aja assim, afinal, era um pensamento comum entre os homens. Mas não era apenas essa a atitude de homem dominador dotado de dons másculos que Gaston exibia.

O vilão da estória é o exímio homem perfeito, idealizado e admirado por outros

homens sendo o desejo de todas as mulheres. Todos esses atributos são mostrados em seu personagem. Nos trechos do musical, que ocorrem em uma taverna, é possível ver e ouvir demonstrações de masculinidade e sua exaltação, tanto por Gaston, quanto pelos outros homens moradores da vila, como demonstrado a seguir:

“Lefou: (...) Qualquer um quer ser você, oh Gaston! Mesmo que mal-humorado. Ninguém nessa aldeia é tão respeitado, não há quem possa te enfrentar! Ninguém aqui é tão admirado, e não há quem não queira te imitar. Não há igual a Gaston, nem melhor que Gaston! Nem pescoço mais grosso que o teu, oh Gaston! Nesta aldeia ninguém é tão homem, modelo de perfeição! (...). Não há queixo mais másculo que o de Gaston!

Gaston: Sou o tipo de homem impressionante!

Lefou: Mas que machão é o Gaston!

Mulheres: (...) Ele é forte, ele é tão musculoso!

Gaston: Tenho muque para dar e vender!

Lefou: Seu defeito é ser orgulhoso.

Gaston: Verdade, sou todo peludo não vou esconder!

Lefou: (...) Ninguém cospe a distância melhor que Gaston! (...) Bom de caça é o Gaston, bela raça é o Gaston! ”

**Gaston, filme A Bela e a Fera (1991).**

Durante as cenas do musical é possível notar Gaston mostrando toda sua masculinidade e força, honras de um homem perfeito. De forma cronológica a análise do musical nos traz pontos importantes sobre o papel do dominador. É importante ressaltar a admiração pelo corpo masculino do Gaston, tanto pelo próprio personagem, como também pela visão dos outros no enredo da estória. O corpo masculino considerado público, diferente do feminino que é um corpo privado e oculto, nesse momento o público e o privado referem-se, ao papel do dominador e do dominado, onde um tem mais importância e valor que o outro. Por ser um corpo público, o homem, através da divisão sexual com base no corpo, estabelece um vínculo entre os usos públicos e ativos do ser masculino para tornar a palavra *publicamente* domínio dos homens (BORDIEU, 2012). O publicamente masculino oferece mais liberdade que o privado feminino, logo, essa liberdade chama-se virilidade e está representada em Gaston por seus feitos, seu corpo e seus pelos.

Figura 7 – Imagens do filme ‘A Bela e a Fera’, Gaston exhibe sua virilidade e corpo masculino



Fonte: Google imagens. Filme A Bela e a Fera (1991).

A virilidade mostrada em Gaston refere-se ao corpo, as conquistas e ganância dos homens. Segundo Bordieu (2012, p.20):

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (*nif*), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem (BORDIEU, 2012, p.20).

Mostrada de forma física no personagem Gaston, essa virilidade é vista em seu corpo, como sendo alto, forte, musculoso e peludo, contextualizada por Bourdieu (2012), como um símbolo e ponto de honra, que instrui a diferença entre os sexos em um sentido de hierarquização, mantendo distância das necessidades biológicas e assumindo a divisão de trabalhos a partir do gênero. Uma parte desse ponto de honra viril masculino são os pelos, sejam eles genitais, faciais ou corporais, que segundo Perrot (2019), a diferença entre os homens e as mulheres são marcados por sua pilosidade. Enquanto os cabelos são o único *pelo* aceito no corpo feminino, o excesso desse no corpo masculino, exala força e poder, porém, essa pilosidade masculina detém-se apenas em pelos corporais e faciais, já que em relação ao cabelo, os homens com cabelo comprido demais perdem sua masculinidade e tornam-se efeminados. Apesar de Gaston ter seus cabelos compridos, isso não diminui sua masculinidade, é importante ressaltar que, mesmo com filme sendo lançado em 1991, ele seguia a linha cronológica da segunda onda feminista que esteve presente nas décadas de 60 e 80, trazendo os cabelos compridos dos hippies e nos anos 90 a influência do rock.

Mas não é apenas a pilosidade peitoral abundante que Gaston exhibe que mostra sua virilidade e dominância pública, seu incrível talento na caça e força são exibidos por ele a todo momento. Segundo Bourdieu (2012), cabe ao homem a relação com o público, a relação dos atos breves, perigosos e espetaculares, a morte da caça, o homicídio e a guerra, enquanto

a mulher cabe-se a lavoura, aos filhos e a casa. Gaston exibe seu talento de caça e luta a todo momento durante sua participação na animação, talento esse que ele quer relacionar ao talento e beleza da mística feminina, que é o que ele espera de Bela, afinal, segundo Wolf (2020), homens fortes lutam por mulheres belas. Esse desejo do Gaston por caça, luta e por Bela levamos a um ponto interessante da personalidade masculina e machista representada por Gaston, que é a insistência.

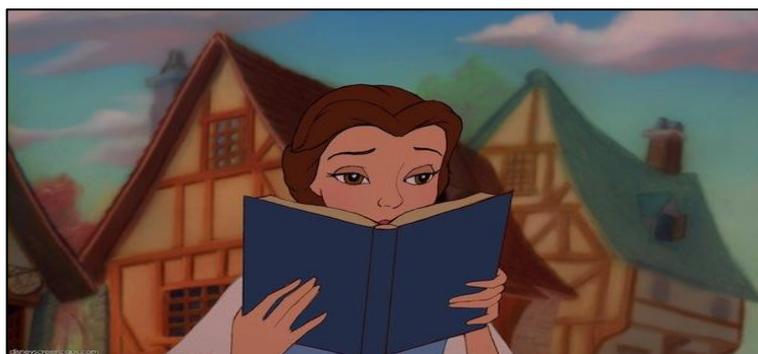
A insistência masculina de Gaston por Bela, faz com que ele arme um plano para internar seu (*futuro não-*) sogro em hospício para atrair a Bela até si, plano esse que dá errado, e a insistência por uma mulher torna-se a obsessão pela caça e uma exaltação de virilidade por parte do Gaston quando a Fera lhe é apresentada por Bela. Segundo Bourdieu (2012), essa exaltação de dominância e virilidade tem a ver com a constante contrapartida do privilégio masculino, esse que faz que seu eu viril afirmasse sobre toda e qualquer circunstância. Essa insistência não se faz apenas presente em Gaston, que deseja a todo momento casar-se com Bela, mas também na Fera, que deseja que a Bela apaixone-se por ele para livrá-lo da maldição lançada pela feiticeira Circe. Apesar da Fera mudar alguns pontos de seu comportamento com o passar do filme para sobrepor os desejos da Bela, ainda assim é possível analisar pontos machistas e de virilidade em seu personagem. No final do filme, quando Gaston tenta matar a Fera para obrigar Bela a casar-se com ele, é possível ver os apontamentos do referido autor, nos dois personagens, como o desejo da guerra e do assassinato, pois, a Fera derruba Gaston da torre do castelo o matando, e logo após, quando volta a forma humana e mesmo em sua forma de fera, não mostra arrependimento por sua atitude.

Mas não apenas a exaltação masculina deve ser analisada nesse contexto das reviravoltas trazidas pela segunda onda feminista. A personalidade e aparência de Bela tornam-se pontos-chaves de análise do comportamento e aparência feminina idealizados pelo segundo movimento feminista. Bela, diferente das princesas anteriores, abdica de apenas uma única coisa, sua liberdade, e não em prol próprio, mas em prol da vida de seu pai, sua única família e pessoa que compreendia sua personalidade forte. Enquanto a Branca de Neve dedica-se apenas aos homens para sobreviver, a Cinderela abdica de sua vontade e desejos para obedecer a madrasta e as irmãs. Aurora prefere viver a mentira perfeita e Ariel abdica de sua voz e desejo para conquistar um homem para poder-se ver livre do mar e do pai. É Bela que inicia um movimento de princesas fortes, independentes e decididas em seus objetivos e trajetórias.

Com essa personalidade marcante, Bela traz consigo alguns traços defendidos pela segunda onda como o afeto pelo estudo, inteligência e o distanciamento da mística feminina, mas, em contrapartida ela retrata uma mudança no mito da beleza que visa outra forma de opressão feminina. A segunda onda feminina tem sua base consolidada na educação básica e superior das mulheres, assim como o fim da divisão de trabalhos pelo sexo e pela liberdade de escolhas femininas. Autoras como Wolf (2020) e Friedan (2020) trazem na defesa dos temas, o repúdio do ato da sociedade para invalidar o uso dos direitos conseguidos pelas sufragistas.

Analisando esses aspectos na personalidade de Bela é possível notar que durante a animação ela está envolta em livros e em conhecimento, conhecimento esse passado por seu pai que é um inventor, por momentos de coragem e confronto com personagens masculinos, pondo-se de iguais a iguais.

Figura 8 – Cena do filme ‘A Bela e a Fera’ Bela lê um livro enquanto caminha pela aldeia



Fonte: Google imagens. Filme A Bela e a Fera (1991).

Mas porque Bela é tão diferente na visão de sua vila? Bela e seu pai são novos moradores da vila, vindos de longe e de um possível lugar mais desenvolvido que a pequena vila. Este lugar de onde Bela e seu pai vieram é apenas respondido no filme de live-action do ano de 2017. Pai e filha são de Paris, mudaram-se para a vila após a peste ter assolado a cidade e levado a mãe de Bela<sup>20</sup>. O fato de serem de um local mais distante da vila levou o avanço das ideias da sociedade para os deveres e direitos das mulheres. A comunidade da vila fazia a coligação entre a beleza-sem-inteligência e inteligência-sem-beleza apresentados por Wolf (2020), conceitos que levavam uma alegoria entre as mulheres, da feia e da bela, impondo um conforto de que os dois jamais poderiam existir juntos. Com isso, afirma-se a cultura machista de que a sociedade sente-se melhor em definir os dois estereótipos

---

<sup>20</sup> Informação adicional relatada pela autora do TCC, sem qualquer relação com o conteúdo analisado.

femininos. Essa tese de que mulheres bonitas não poderiam ser inteligentes também é apresentada por Friedan (2020), onde afirma que as mulheres eram ensinadas a não desejar estudo e carreiras e a sentir pena de mulheres que desejavam usufruir desse novo mundo, as vendo como neuróticas, masculinizadas e infelizes.

Essas ideias de que beleza e educação não andam juntas são encontradas com facilidade no enredo do filme, tanto na vila como nos personagens, sendo ideais defendidos pela sociedade, em especial pelos homens, referentes ao sufrágio feminino. Bela acaba tornando-se o ideal de mulher que o sufrágio feminino e suas conquistas alcançaram, sendo o completo oposto que era ensinado e visto na vila, por isso, ela tornava-se tão diferente e esquisita, pois ela tinha a ambos, beleza e inteligência. Apesar do filme apresentar de forma mais clara a atenção da heroína voltada para a educação, ele também retrata o semiabandono da mística feminina por parte de Bela, abandono esse que era defendido pelas feministas da segunda onda, pois a domesticidade e submissão femininas eram considerados a beleza feminina, o mito da beleza imposto no sufrágio feminino e em pequenas partes das seguintes ondas feministas.

Mas o que era essa mística feminina que a segunda onda feminista procurava acabar? Diferente da mística feminina da primeira onda, a de segunda tinha a dúvida do *'se era somente isso?'* por parte das mulheres. E o que era o *'somente isso'* que se destinava as mulheres? Era o casamento, os filhos e a casa. Apesar de várias mulheres terem um trabalho, fora o de dona de casa, ele ainda não era o suficiente para sanar esse sentimento de abandono que causava nas mulheres. Mas para poder responder os motivos de porquê Bela não sentia-se desse jeito, é preciso contextualizar a história das mulheres e a mística feminina pela visão da segunda onda. Friedan (2020), relata que a imagem da mulher amargurada com sua vida de domesticidade surge da imagem que a sociedade cria de uma mulher jovem, inocente, quase infantil, fofa e feminina, passiva e alegre com a sua rotina de sexo, filhos, cozinha e lar. Rotina essa que Bela foge. Quando Gaston a pede em casamento, ele cita toda essa rotina de submissão e domesticidade que ele quer que Bela acate, e por desejo, ele quer também que Bela trabalhe apenas para manter um ambiente familiar feliz, além de manter um corpo belo para continuar a sua altura. Porém, Bela deseja mais do que isso. Mas porque há esse desejo e anseio por essa figura feminina? Segundo Wolf (2020), a frenética acumulação de imagens do ideal feminino tornou-se uma alucinação coletiva, originada pela vontade dos homens em controlar essas mulheres e homens desnorteados para controlar com rapidez a relação dos sexos a transformando em um baluarte de segurança contra as mudanças. Esse ponto de segurança controlou, e, ainda controla a sociedade de modo em que as relações e dominâncias

do sexo masculino mantenham-se no poder, utilizando de mentes fracas, como a de Gaston, para reproduzir esses atos de misoginia.

Com todas essas apresentações é fácil perceber porque as mulheres questionavam-se de *'era só isso?'*, que lhes era cedido. Com a ajuda das sufragistas, as militantes da segunda onda opuseram-se a mística feminina que lhes era destinada, partindo então para uma onda de divórcios e de mulheres entrando em cargos de empresa e cursando o ensino superior na mesma medida em que os homens. Então, a partir desse momento, a jovem heroína dona de casa transforma-se na nova imagem feminina: a mulher que em sua trajetória inclui seus desejos carnis, uma carreira e seus desejos individuais (FRIEDAN, 2020). A partir desse momento, quando a mulher transforma sua imagem, a alucinação moderna prende a mulher em uma nova rede de eufemismo, porque há a necessidade da ordem social defender-se da imagem criada pela mulher, colocando sobre ela uma nova imagem, que defende um ideal de corpo, voz, comportamento e beleza (WOLF, 2020).

Esse novo ideal de beleza, o novo mito da beleza, é criado para diminuir as conquistas femininas e frear os atos de empoderamento, por mais que alguns homens e parte da sociedade ainda defendem o ato de beleza doméstica, alguns economistas apresentavam dados de que a economia gerada pelo empoderamento feminino, era mais lucrativa que do que a *'vocaçao natural feminina'*, pois as mulheres começaram a tornar-se consumidoras e a desenvolver a sociedade industrial, um comportamento que tornar-se-ia essencial para os motivos econômicos. E então, a partir desse momento, o mito da beleza da domesticidade redefiniu-se para o mito da beleza da mulher virtuosa (WOLF, 2020).

Por essa mudança gradual e lenta, Bela mostra-se como uma mulher que, apesar de fazer os deveres domésticos, de alimentar os animais e limpar a casa, ainda encaixa-se no novo mito da beleza do período. A personagem de Bela mantém o ideal feminista da segunda onda, onde é possível notar que não mais é uma mulher submissa e doméstica, mas sim, uma mulher empoderada e inteligente. Mesmo mantendo-se longe da domesticidade, Bela carrega consigo um fardo que as militantes feministas lutam até hoje para derrubar: o mito do corpo e beleza perfeitos. Segundo Wolf (2020), quanto mais dificultosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas e cruéis foram as imagens de beleza feminina impostas. Mesmo que as mulheres tenham se livrado da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza ganhou forças e invadiu o espaço perdido, criando novos meios de opressão e controle feminino. A opressão criada pelo novo mito da beleza feminina era em volta do corpo, voz e beleza fácil, que começaram a ser distribuídos através de revistas, jornais e

novelas para o público feminino, apresentando mulheres magras, altas, felizes, maquiadas, com cabelos e unhas feitos, criando assim uma neurose por parte das mulheres em busca do corpo perfeito.

Com a criação da epidemia feminina em busca do corpo perfeito, as revistas com dicas para o lar começaram a ser trocadas por revistas de modas e de alimentação, o mercado voltou-se para a cosmetologia, moda e vida saudável para atrair esse novo público feminino. Bela traz consigo esse novo mito em sua aparência, mostrando o ideal feminino criado pela sociedade para ser imposto nos corpos e mentes femininos. Mas, vale-se lembrar aqui de que não existe justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para a criação e perpetuação do mito da beleza, a não ser a justificativa de opressão entre mulheres e a de manter a superioridade masculina, que, não detém nenhum estereótipo de beleza definido.

A personalidade e atitudes de Bela carregam todos os ideais e atos marcantes discutidos na segunda onda feminista, não abstando-se dos atos e ideais ruins surgidos na sociedade para invalidar a luta e as conquistas femininas. Apesar do filme trazer dois opostos há situações que se ligam, sendo elas: Gaston e suas atitudes machistas e de superioridade masculina, mostrando a todo momento o poder e virilidade da dominância masculina comentada por Bourdieu (2012). Beauvoir (1980) e Perrot (2019) também ressaltam o poder masculino na sociedade. Bela com suas atitudes feministas de segunda onda, junto com sua coragem e, não mais submissão, mas sim obediência mútua, traz a liberdade e o desejo de suas próprias escolhas e caminhos, assim como o ideal de beleza criado para invalidar essa luta; e por último, a vila, um conjunto de personagens e ações que ligam as sufragistas as militantes de segunda onda, colocando os personagens em trabalhos divididos pelo sexo, apoiando as ideias machistas de Gaston e repudiando as atitudes feministas da Bela.

Esses três elos que cercam o conto de fadas representado pela Walt Disney sintetizam o esforço e a luta que as militantes de segunda onda enfrentavam, como a criação do novo mito da beleza que oprimia as mulheres por sua aparência física e fácil, a ideia machista que homens e parte da sociedade ainda mantinham para fortalecer o papel do dominador e o papel do dominado. Mas não só de confronto a segunda onda se fez, ela também conseguiu a liberdade educacional e trabalhista para as mulheres que desejavam tornar-se independentes e desprender-se do papel de mãe e esposa. Junto a esse movimento, libertou-se a comunidade feminina da mística feminina que assolava as donas de casa do sufrágio e da segunda onda, propondo o papel de domesticidade não mais como uma obrigação, mas sim como uma escolha.

A segunda onda feminina foi retratada de forma eficaz no filme da ‘A Bela e a Fera’, apontando com leveza e de forma inteligente os pontos altos e baixos, as conquistas e retrocessos que a segunda onda trouxe à comunidade feminina e para a comunidade em geral. Apesar de seis filmes terem sido realizados na perspectiva da segunda onda, apenas os dois últimos filmes mostraram de forma árdega o poder do desejo feminino e suas escolhas, com as princesas Mulan e Tiana, dos filmes ‘Mulan’ e ‘A princesa e o Sapo’, que é possível notar-se de forma clara a mudança do movimento social que a Walt Disney realizava. Saindo da segunda onda feminista, a produtora adentrava e inseria as suas princesas nas lutas da terceira onda feminista, com quatro filmes lançados sobre essa nova luta social, sendo possível ver uma mudança nas estórias dos filmes e nas personalidades das princesas.

A terceira onda feminista acaba surgindo nos anos noventa, se estendendo por volta do ano de 2010, com o objetivo de reparar os erros que a segunda onda feminista não conseguiu resolver. Como uma resposta aos movimentos criados na segunda onda, a terceira onda do pensamento feminista visa evitar e desafiar o significado popular de feminilidade, juntando nessa luta as mulheres das classes sociais apagadas dos movimentos sociais, apresentando as dificuldades das mulheres negras, de outras religiões, etnias, nacionalidades e origens culturais, surgindo assim o feminismo negro, que engloba a dificuldade dessas mulheres. Não apenas trazendo esses novos caminhos, a terceira onda abre pontos sobre questões como o aborto, o LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), pornografia, trabalho sexual, prostituição, atraindo atenção a questão da teoria Queer<sup>21</sup> e apagando o significado do ‘feminismo vítima’ que a segunda e a primeira onda carregavam.

As princesas englobadas na terceira onda feminista causam impactos na sociedade, já não mais os pais e a sociedade conservadora conseguem segurar os sonhos das garotas que desejam ser fortes e poderosas. Anna e Elsa tornam-se o pilar dessa revolução feminista.

#### **4 “E TODOS VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE”: A CONFLITANTE MUDANÇA DO PAPEL FEMININO E SUA HISTÓRIA E A TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO NO FILME FROZEN.**

*“Não pode se casar com alguém*

---

<sup>21</sup> É uma teoria que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos não define os papéis ocupados na sociedade pelo sexo ou pela biologia da natureza humana. A teoria Queer busca ir além das teorias de homem VS. mulher e aprofunda-se sobre as minorias sexuais, focando-se nos processos sociais que sexualizam a sociedade como uma forma de heterossexualizar ou homossexualizar instituições, discursos e direitos.

*que acabou de conhecer”*

**Elsa, Frozen, uma aventura  
congelante**

A segunda onda feminista surgiu como uma continuação as propostas e lutas do sufrágio feminino, reafirmando que o sexo feminino tem os mesmos direitos que os homens em educação e votos, como também o direito ao trabalho feminino e sua valorização, tanto monetária como pelo valor dos direitos trabalhistas e sindicais e os direitos sociais e civis. Além de reafirmar esses direitos, a segunda onda feminista propôs o fim da mística feminina e o papel biológico natural da mulher que era utilizado pela sociedade, majoritariamente masculina, para oprimir o sexo feminino. As ideias da segunda onda, mesmo sendo discutidas já na primeira onda feminista, apenas tomaram forma e voz após o lançamento do livro ‘O Segundo Sexo’ da autora Simone de Beauvoir em 1949, onde ela expõe os fatos e mitos dos dois sexos e da dominação masculina através do olhar psicanalítico, histórico, biológico e filosófico sobre os dois gêneros e a sociedade que eles integravam.

No entanto, mesmo com todas essas ideias e vozes sendo colocadas em vista da sociedade, a segunda onda sofreu um desvio e não conseguiu alcançar o êxito desejado com suas convicções e ações, afinal, até esse momento essas conquistas eram destinadas as classes altas e majoritariamente brancas da luta feminista. Com a contínua abertura desse buraco da segunda onda feminista, a terceira onda surgiu com o objetivo de atingir todas as mulheres, sejam elas de diferentes raças, etnias, culturas ou gêneros, expandindo seu discurso para temas como aborto, padrões de beleza, direito sobre o próprio corpo, trabalho e educação, assim como os lugares destinados ao público feminino na sociedade em geral.

A terceira onda do feminismo surge a partir dos anos 1990 e estende-se aproximadamente até o ano de 2010, utilizando-se desse período da internet, revistas e outros meios de comunicação, assim como protestos públicos para chamar a atenção das classes femininas para a luta e da sociedade e para o ultraje que o público feminino sofria pela opressão masculina e social. As feministas de terceira onda apresentavam pautas de reivindicações amplas, que envolviam a teoria Queer, o movimento das mulheres negras e de outras culturas e etnias, a valorização do corpo e da sexualidade feminina, assim como os trabalhos que usufruem desse meio, trazendo atenção para a questão de pornografia e prostituição e as mulheres não heteronormativas<sup>22</sup>, ampliando o debate sobre o público

---

<sup>22</sup> Segundo dicionário, é um adjetivo que refere-se a heteronormatividade, ao conceito de que apenas os relacionamentos entre pessoas do sexo oposto são normais ou corretos. Que enxerga a heterossexualidade como

feminino e o público geral inseridos na comunidade LGBTQ+. O pensamento da terceira onda feminista coloca em pauta um grande debate sobre as classes excluídas das duas primeiras ondas feministas.

Uma das classes que toma voz diante deste novo feminismo, é o chamado ‘Feminismo negro’ que engloba não apenas a comunidade negra, como também as mulheres de outras religiões, culturas e etnias, não brancas. Segundo Ribeiro (2016), é necessário pensar em como as opressões se cruzam e criam uma nova opressão sobre o corpo feminino negro, gerando novos meios de negar sua existência. A autora ainda ressalta que enquanto as mulheres brancas lutavam pelo voto, as negras lutavam para ser reconhecidas, ou seja, essa luta tornou-se diferenciada, pois, enquanto as mulheres brancas mantinham o papel de outro com o homem branco e o homem negro, as mulheres negras era o outro abaixo do outro, eram uma categoria feminina negligenciada pela sociedade.

Segunda a referida autora, o surgimento do feminismo negro deu-se pela lógica e teoria feminista brancas que assemelha-se a ciência de superioridade euro cristã, branca e patriarcal, enquanto utilizava do método ariano de explicação. A ascensão e o crescimento do feminismo negro se dão pela quebra do silêncio, que muitas autoras negras em seu livros e escritos feministas trazem, pois, a quebra do silêncio para a mulher negra era significado de sobrevivência. Ressalta-se ainda, que é preciso muita luta para que o feminismo negro e suas causas sejam tão bem visualizados quanto o feminismo branco.

Além do feminismo negro ter ganhado voz a partir da terceira onda, as questões de gêneros e sexualidade começaram a ser discutidas, trazendo a margem a teoria Queer sobre a dominação e a divisão dos trabalhos pelo sexo. Segundo uma citação retirada de um dicionário que se encontra presente na tese García (2005) chamada de ‘Teoria Queer: Reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad.’<sup>23</sup>, diz:

*Queer.* 1. extraño, raro, excéntrico; de carácter cuestionable, dudoso, sospechoso; sin suerte, atolondrado, sentirse al borde del desmayo (feel queer); borracho; homosexual (especialmente en un hombre); in Q. Street (en dificultad, en deuda, de mala reputación). // 2. homosexual. // 3. echar a perder, roto. (*Concise Oxford English Dictionary, citado por Aliaga, 2000: 40*).<sup>24</sup>

---

a norma numa sociedade. [por extensão] Que marginaliza as orientações sexuais que diferem da heterossexualidade.

<sup>23</sup> “Teoria Queer: Reflexões sobre sexo, sexualidade e identidade. Realizar a politização da sexualidade.” Livre tradução da autora do TCC.

<sup>24</sup> “Queer. 1. Estranho, raro, excêntrico; de caráter duvidoso, questionável; sem sorte, imprudente, sensação à beira do desmaio (sentir queer); bêbado, homossexual (especialmente em um homem); em Q. Rua (com dificuldade, em dúvida, de má reputação). // 2. Homossexual. // 3. Deixar a perder, partir. (Dicionário de Inglês conciso de Oxford, citado por Aliaga, 2000: 40)”. Livre tradução da autora do TCC.

O autor começa com essa citação do dicionário sobre o gênero Queer a fim de afirmar o que ele relata em sua tese, desmembrando vagarosamente a sociedade que é dividida por sexo e seus ideais de política, inserindo assim o posicionamento de uma sociedade construída através da teoria Queer. Mas o que é a teoria Queer? Segundo o autor, a teoria Queer surge para desmitificar a teoria natural biológica dos sexos. Mas o que é essa teoria natural e biológica dos sexos? De acordo com Beauvoir (1980), a sociedade é dividida em trabalhos e posições sociais segundo o sexo natural e biológico destinado aos seres humanos. Córdoba a completa dizendo que essa teoria servia para oprimir o sexo feminino e rebaixá-lo a trabalhos e deveres mais fáceis e de obediência constante, enquanto o sexo masculino mantinha o poder das estruturas sociais e civis, ditando as regras e leis da sociedade, impedindo que o sexo feminino manifestasse e passa-se a ocupar e dividir um lugar de controle da sociedade ao lado dos homens. García (2005), afirma que a Teoria Queer deixa de separar o feminino e o masculino por sexos e começa a separá-los por gênero. Mas qual a diferença da separação entre sexo e gênero? A separação entre sexo afirma um poder de dominância masculina na sociedade, impondo a figura masculina como o detentor do saber e das leis, enquanto as mulheres ocupam o seu lugar de domesticidade e obediência a esses poderes masculinos. Na separação entre gêneros femininos e masculinos revela a igualdade de trabalho, leis e poder entre os dois gêneros, onde um não é maior que o outro, assim, ambos podendo ocupar o mesmo lugar de fala e social perante a sociedade.

O discurso da teoria Queer além de trabalhar essa separação de sexos e gêneros, ele também trabalha a questão da sexualidade. A terceira onda feminista trouxe uma grande liberdade entre as mulheres, inclusive a liberdade sexual, deixando com que as mulheres lésbicas se sentissem à vontade para trazer as dificuldades que sentiam perante a divisão de sexos e a heteronormatividade da sociedade, ampliando esse debate não apenas entre elas, mas também entre as mulheres bissexuais<sup>25</sup>, as mulheres transexuais<sup>26</sup>, transgêneros<sup>27</sup> e travestis<sup>28</sup>. Mas porque a sexualidade tem que ser discutida também? Não bastaria realizar a desvinculação do feminino e masculino dos sexos e inseri-los nas questões de gênero? Não. As pensadoras feministas de terceira onda reconhecem outros gêneros femininos além daquele

---

<sup>25</sup> Segundo o dicionário, bissexual é aquele que é concomitantemente homossexual e heterossexual, passível de relacionar-se com homens ou mulheres.

<sup>26</sup> Segundo o dicionário, transexual é a pessoa que passa por uma cirurgia para reverter o sexo. Pessoa que deseja viver e ser aceita enquanto pessoa do sexo oposto.

<sup>27</sup> São indivíduos cujo a identidade de gênero não corresponde ao seu sexo biológico.

<sup>28</sup> Segundo o dicionário, são pessoas que se vestem com roupas do sexo oposto, normalmente relacionado com homossexuais que não sentem desconforto com sua genitália masculina e não sentem necessidade de realizar a cirurgia de redesignação sexual.

de nascimento e abraçá-los em sua luta, torna o feminismo não mais um movimento social mundial, mas um direito de todas as mulheres, independentemente de seu gênero de nascença e sua sexualidade.

Segundo García (2005), o conceito de sexo/gênero é uma das ferramentas conceituais mais importantes no processo de desnaturalização entre natureza e cultura, que utiliza desse sistema para uma separação sexual entre homens e mulheres e a opressão entre outros gêneros pelas feministas de terceira onda que lutam pelo fim da divisão dos papéis entre feminino e masculino na sociedade e a exclusão dos outros gêneros. A teoria Queer abrange vários espaços além da identidade, gênero e sexo, a sua discussão também atinge pontos como gravidez e aborto, liberdade sexual, liberdade de escolhas estudantis e trabalhistas e outros assuntos amplos que a terceira onda feminista carrega consigo.

A participação dos estúdios Walt Disney na terceira onda feminista ainda é recente, apesar de ter inserido a princesa Tiana, de ‘A princesa e o sapo’ no contexto do feminismo negro, a princesa Mulan e o general Lee Shang, assim como alguns personagens do filme “Enrolados” na teoria Queer, é apenas com os últimos quatro filmes lançados que ela se faz mais forte e sutil em suas aparições. Os últimos quatro filmes têm os pontos discutidos pela terceira onda feminista, entre eles, Merida de ‘Valente’, que retrata a liberdade de escolha do matrimônio, assim como a teoria Queer sobre a divisão de trabalhos sobre o feminino e o masculino. Moana de ‘Moana, um mar de aventuras’ também discute a liberdade feminina de escolha e a divisão de trabalho sobre a teoria Queer, como também é o primeiro filme da Walt Disney em que a mocinha não precisa ser salva pelo herói e eles não terminam juntos como um par romântico. Por fim, os dois filmes da franquia Frozen, que trabalham com todos os personagens sobre a teoria Queer e a liberdade de escolha, sendo também o primeiro filme da Walt Disney em que uma princesa escolhe ficar solteira e a outra passa por um processo natural de relacionamento conjugal e trata sobre a manipulação masculina sobre a inocência feminina.

O filme Frozen ao ser analisado, é o primeiro da franquia, lançado no ano de 2013. As irmãs Anna e Elsa, ambas princesas do reino de Arendel, vivem uma vida de aprisionamento durante sua infância e adolescência por causa dos poderes de Elsa que acertaram Anna, assim, as distanciando com o passar dos anos. Quando Elsa chega a idade adulta, pode assumir o reino, e com isso, os portões do castelo são abertos e vários convidados chegam, junto com eles vem o Príncipe Hans das Ilhas do Sul, o irmão mais novo de doze irmãos. Apesar da estória parecer um conto de fadas adaptado da estória ‘A rainha da

neve' de 1844 do escritor Hans Christian Andersen, ela revela de forma simples e bem descrita vários pontos defendidos pela terceira onda feminista e pontos sobre atitudes machistas ainda presentes na sociedade.

#### 4.1 A CHEGADA DA ÚLTIMA ONDA FEMINISTA NOS FILMES ATUAIS DO ESTÚDIO WALT DISNEY E A REVOLUÇÃO NAS PERSONALIDADES E CARACTERÍSTICAS DAS PRINCESAS NO FILME FROZEN

*“O coração não pode ser mudado com facilidade, mas a cabeça é fácil de convencer.”*

**Pabbie. Frozen, uma aventura congelante**

O movimento do sufrágio feminino foi um marco para o início da revolução feminina, mais do que apenas a conquista ao direito ao voto das mulheres, ele também foi responsável por quebrar uma barreira imposta pela sociedade: o silenciamento feminino. O primeiro passo da revolução feminista tinha começado, o direito ao voto trouxe acompanhado de si o direito a escolarização do ensino básico e superior as mulheres, assim como a participação feminina em movimentos sindicais e a ampliação dos direitos trabalhistas femininos, que, além das horas diárias de trabalho nas empresas, tinham as horas de trabalho não formal no ambiente doméstico, cuidando dos filhos e dos afazeres que a casa necessitava. Mesmo com todas as reivindicações feitas pelas sufragistas, o sufrágio não foi o suficiente para libertar as mulheres da mística feminina e da domesticidade, para isso, foram necessárias as ações da segunda onda feminista, que visavam reforçar o ato de escolaridade superior e básica das mulheres, bem como, procurava desligar a fisionomia e a imagem feminina da domesticidade, separando a mulher da mística feminina. Apesar de conseguir fazer com que as mulheres entrassem nas universidades e faculdades para cursar o ensino superior para conhecimento próprio e não mais para arranjar maridos, a segunda onda feminista foi falha em vários aspectos, pois não conseguiu quebrar de forma definitiva a mística feminina e seu feminismo não alcançava todas as mulheres.

Com o fracasso da segunda onda, a terceira veio para reparar todos os erros e buracos deixados pelas ondas anteriores. A terceira onda feminista contava com novas mulheres, que abriram o caminho para as dificuldades das mulheres negras, de outras religiões, etnias e

culturas, trazendo debates importantes como o aborto, sexualidade, identidade, prostituição e pornografia e abrindo portas para as mulheres e para a discussão da comunidade LGBTQ+. As feministas de terceira onda desagradaram as feministas de segunda, que tentavam impor uma onda feminista *DIY (Do it Yourself)*<sup>29</sup> no início da terceira onda, que consistia basicamente em promover que cada mulher realizasse as suas reivindicações e conquistas, feminismo esse que não foi muito aceito por segregar as mulheres uma das outras e não tornar o movimento unificado e forte, transformando uma conquista, na conquista de todas (MACHADO, 2018).

As militantes feministas de terceira onda foram responsáveis por abrir espaço para o feminismo negro, que até então, a luta das mulheres negras era ser vista como mulheres pela sociedade, pois, segundo Ribeiro (2016), as mulheres negras mantinham-se abaixo dos homens brancos e negros e abaixo das mulheres brancas, elas acabavam tornando-se o *Outro* do Outro, até mesmos os homens negros tinham certo poder sobre as mulheres brancas. O feminismo negro foi abraçado pela terceira onda feminista, pois ele discute as outras formas de opressão que mulheres negras, de elite ou de periferia, sofrem, assim como uma opressão junta-se a outra opressão, tornando-se uma nova forma de oprimir e coagir ao feminino. Junto com a presença marcante do feminismo negro, o feminismo trouxe também a discussão de gênero e sexo sobre a visão da teoria Queer.

A teoria Queer discute sobre a divisão de trabalhos e posicionamento social através da visão biológica e natural dos sexos feminino e masculino e como isso pode ser discutido através da visão de gênero, que desnaturaliza a visão biológica sobre a divisão dos sexos. Mas porque a teoria Queer e a terceira onda feminista visam tanto nessa separação de sexos e a realocação de gêneros na sociedade? A visão da teoria Queer expõe que a divisão da sociedade por sexos influencia na relação de dominador e dominado, aumentando as diferenças sociais entre o feminino e o masculino, usufruindo e incentivando a dominação masculina nos caminhos sociais, enquanto a divisão por gênero coloca o feminino e o masculino em gênero heterossexual, homossexual, bissexual e etc., ampliando a discussão e inserindo a comunidade LGBTQ+ na luta por igualdade e reconhecimento na sociedade. A teoria Queer atrai suas atenções na terceira onda do feminismo, assim como o feminismo negro, pois discute um ponto que foi colocado pelas militantes do feminismo de segunda onda, que é a dissolução da divisão social por sexos e a implementação do sistema de gênero.

---

<sup>29</sup> DIY é a sigla da expressão em inglês 'Do it yourself', que em português significa 'Faça você mesmo', muitas vezes considerado uma filosofia de vida onde seus participantes optam por se abster de comprar móveis, objetos decorativos e presentes, preferindo fabricá-los sozinhos.

Os pontos levantados pela terceira onda feminista, podem ser observados na personalidade dos personagens do filme *Frozen*, como Elsa, que pode ser vista com uma pessoa de caráter forte, de encorajamento, mas que foi oprimida e silenciada durante toda sua infância e adolescência por ter poderes, assim como sua irmã Anna que foi privada e influenciada pelos seus pais para manter distância de Elsa e a pensar de modo arcaico com relação a sentimentos e relações amorosas. O príncipe Hans das Ilhas do Sul também traz consigo um comportamento duvidoso, onde consegue influenciar Anna a casar-se com ele utilizando da teoria de dominador e dominado e a submissão, usando o desejo de ser livre e a inocência de Anna para dominá-la. Por outro lado, o vendedor de gelo, Kristoff, que se apaixona por Anna gradualmente não a julga por suas ações e escolhas, deixando-a livre para ter suas próprias escolhas e decepções, apoiando-a sempre que necessário, mostrando dois comportamentos masculinos e dois comportamentos femininos distintos na trama.

Esses comportamentos distintos têm grande influência vinda do período da infância das irmãs. Logo no início do filme é possível notar a relação de conforto e amizade que as duas tem, estabelecendo uma relação de amor e carinho entre irmãs, que nos filmes anteriores, como por exemplo a ‘*Frozen*’ é raro que as irmãs tenham sentimentos afetuosos entre si.

Figura 9 – Cena do filme ‘*Frozen, uma aventura congelante*’, mostra as duas irmãs, Anna e Elsa brincando no salão do palácio



Fonte: Google Imagens. Filme *Frozen, uma aventura congelante* (2013).

Porém, essa parceria é encerrada quando Elsa acidentalmente acerta Anna com um raio de gelo em sua cabeça, a partir deste momento Elsa decide, por amor a sua irmã e por temor ao seu poder, de se afastar de Anna definitivamente até conseguir controlá-lo. O ressentimento desse afastamento repentino das irmãs rende a música característica do filme, que com o passar das cenas e dos anos em que se passam, a música passa a deixar de ser sobre a saudade de Anna sobre Elsa, para ser sobre o desejo de amizade com alguém de Anna e, por

fim, a saudade que ambas as irmãs sentem do afeto uma da outra quando passam a viver sozinhas após seus pais morrerem.

Anna: Elsa, você quer brincar na neve? Um boneco quer fazer? Você podia me ouvir e a porta abrir, eu quero só te ver! Nós éramos amigas, de coração, mas isso acabou também, você quer brincar na neve? Um boneco quer fazer?

Elsa: Vai embora Anna!

(...)

Anna: Você quer brincar na neve? De alguma coisa que eu não sei? Faz tempo que eu não vejo mais ninguém, até com os quadros na parede já falei, “Firme aí Joana?”. É meio solitário, tão vazio assim, vendo o relógio andar!

(...)

Anna: Elsa? Por favor me escuta, todos perguntam sem parar e me encorajam para te dizer, mas espero por você, me deixa entrar! Só temos uma a outra, o que vamos fazer? Temos que decidir, você quer brincar na neve?”

**Música: Você quer brincar na neve? Filme: Frozen, uma aventura congelante (2013)**

Mas esse afastamento entre as duas irmãs não é apenas uma decisão de Elsa, como também é uma decisão dos pais das duas irmãs, que a partir do acidente fecham todas as portas do castelo e escondem Elsa de Anna e de todos em seu quarto e isolam Anna dos demais moradores de Arendel, evitando assim que as duas irmãs criem personalidade por conta própria, influenciando as duas em suas escolhas futuras, seja Elsa com sua personalidade dura e com rastros de medo e repreensão ou Anna com sua personalidade inocente e ingênua. Esses aspectos comportamentais nas duas princesas logo no início do filme retrata a mudança que ambas irão sofrer quando verem-se livre daquilo que as prendia um dia.

A irmã mais velha, Elsa, durante sua infância, pré-adolescência e vida adulta é contida e silenciada, de modo que a frase mais marcante que a impede de ser ela mesma, foi proferida pelo pai quando seus poderes começaram a aumentar.

“Rei: Viu? Encobrir...

Elsa: Não sentir...

Ambos: Não deixar saber!”

**Frozen, uma aventura congelante (2013)**

Por causa dessa repreensão de seus poderes e de sua personalidade, Elsa cresce com receio, medo e dúvida sobre sua capacidade de controle das emoções para não deixar seus

poderes surgirem. Todos esses sentimentos a deixam ansiosa no dia da sua coroação como nova rainha de Arendel, a acumulação dessas dúvidas e sentimentos, junto com uma atitude impensada de Anna, fazem com que Elsa perca o controle e revele seus poderes, assustando os nobres e ao seu povo enquanto foge de Anna, que sente-se preocupada e curiosa com Elsa.

Quando Elsa se vê livre do castelo e de tudo aquilo que a prendia, vemos um momento de conforto e libertação quando a mesma experimenta seus poderes sem sentir o remorso de machucar alguém ou de ser repreendida.

Figura 10 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, Elsa experimenta a liberdade de seus poderes sem amarras



Fonte: Google Imagens. Frozen, uma aventura congelante (2013).

Nesse mesmo momento em que Elsa sente-se livre pela primeira vez, a música ‘Livre estou’ é entoada pela personagem enquanto ela desafia e recusa o que lhe foi imposto desde seu erro.

“Elsa: (...) A tempestade vem chegando e já não sei, não consegui conter, bem que eu tentei! Não podem vir, não podem ver, a boa menina sempre deve ser! Encobrir, não sentir, nunca saberão, mas agora vão! Livre estou, livre estou! Não posso mais segurar! Livre estou, livre estou! Eu saí para não voltar, não me importa o que vão falar, tempestade vem, o frio não vai mesmo me incomodar! (...). Os medos que me controlavam, não vejo ao meu redor, é hora de experimentar, meus limites testar, a liberdade veio enfim, para mim! (...) Não vão me ver chorar, aqui estou eu e vou ficar!” **Música: Livre estou. Filme: Frozen, uma aventura congelante (2013)**

Enquanto Elsa experimenta a liberdade pela primeira vez, ela usa seus poderes para alterar seu visual, eliminando a roupa mais coberta e recatada e colocando-se em uma roupa mais livre, leve e madura.

Figura 11 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, Elsa usa seus poderes para

vestir uma roupa mais confortável e adequada para si



Fonte: Google Imagens. Frozen, uma aventura congelante (2013).

Esse enquadro da cena de Elsa libertando-se de tudo aquilo que a prendia, mostra o trabalho da luta feminista em libertar as mulheres de paradigmas criados pela sociedade para oprimi-las e silenciá-las, evitando que sua voz seja ouvida. Perrot (2019), cita que os homens tentavam inviabilizar os atos e falas femininos pois eles temem as mulheres, mas gostam delas, sendo que Bourdieu (2012), justifica esse medo da sociedade sobre o feminino com a criação da lei do dominador e do dominado, que julga tanto força física como o corpo e as partes íntimas para encontrar um meio de oprimir o mais fraco e fazê-lo entrar em sua ordem e cumprir seu papel de submissão.

Submissão essa que é encontrada junto com a inocência de Anna, irmã mais nova de Elsa, que por ficar trancada no castelo, não pode sentir outros sentimentos sozinha e nem criar a própria personalidade, mas é possível notar nela também o sentimento de querer ser livre, de conquistar a liberdade, liberdade essa que Anna acredita que venha apenas com um príncipe e um casamento, voltando as ideias de ideal feminino do sufrágio feminino. Essas ideias de liberdade conciliadas com casamento podem ser notadas no musical ‘Uma vez na eternidade’.

“Anna: (...) finalmente vão abrir os portões! Vai ter gente de verdade, eu vou até estranhar, mas como eu estou pronta para mudar, por uma vez na eternidade, essas luzes vão brilhar, por uma vez na eternidade, a noite inteira vou dançar! (...). Vou ter uma noite de gala e tal, em um vestido especial, com graça e muita sofisticação.Uh! Então de repente eu vejo alguém, esbelto e bonito ali também (...). Depois os risos e conversas, bem do jeito que eu sonhei! (...)E eu sei que é muita loucura, por um romance suspirar, mas por uma vez na eternidade, ao menos vou tentar! (...) Vou ter

a chance de encontrar (...) o verdadeiro amor! ”

**Música: Uma vez na eternidade. Filme: Frozen, uma aventura congelante (2013).**

É possível notar o pensamento de Anna preso ainda na mística feminina, apesar de desejar liberdade, Anna acredita que essa liberdade seja encontrada apenas com um marido e o amor entre duas pessoas. Friedan (2020), descreve que mulheres jovens e frívolas, quase infantis, fofas e femininas, passivas e alegres ficam satisfeitas em um mundo de domesticidade, onde servem ao marido, ao lar e aos filhos. A inocência de Anna a leva a conhecer o príncipe Hans das Ilhas do Sul, que ela acredita ser seu verdadeiro amor e busca a bênção de Elsa para que possa casar-se o mais rápido possível com Hans. Porém, Elsa nega, pois ela não pode se casar com alguém que acabou de conhecer, então, as irmãs acabam tendo um desentendimento e é nesse momento que os poderes de Elsa são revelados e sua trajetória de libertação inicia. Mas, e a de Anna, inicia quando? Apesar da personalidade de Anna exalar todos esses aspectos de domesticidade e beleza, ela é obrigada a deixar o príncipe Hans no comando de seu reino, para procurar Elsa e pedir que a mesma salve o reino.

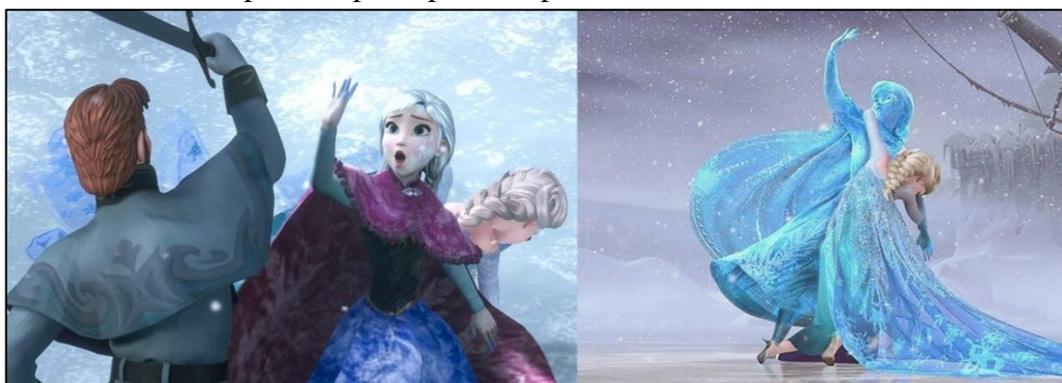
Nesta caminhada até o encontro de Elsa, Anna conhece Kristoff e sua rena Sven. Kristoff revela um comportamento mais gentil e amável, cuidadoso e responsável, menos infantil e mais maduro, podendo ser considerado um dos homens que apoiam a causa feminista e a igualdade dos sexos. Enquanto Anna e Kristoff falham em levar Elsa de volta, Anna é acertada por um raio de gelo dessa vez em seu coração. Kristoff a leva até os trolls onde dizem que para ser salva, Anna precisa de um ato de amor verdadeiro. Nesse momento, Hans foi atrás de Elsa, a capturou e a prendeu no castelo, pois seu plano desde o início era casar com uma das irmãs para poder assumir o trono, mas a situação saiu de controle quando Elsa liberou sem querer seus poderes. Hans demonstra em si uma personalidade controladora e calculista explicada por Bordieu (2012), como a construção de uma diferença entre os sexos para enraizar a dominação dos homens sobre as mulheres, exercendo uma força simbólica de poder sobre os corpos femininos, utilizando dos mesmos apenas para apoio para entrar em uma zona mais profunda de dominação.

Kristoff leva Anna até o castelo onde Hans está para que o amor dos dois possa acabar com o frio no coração de Anna, porém, Hans conta que Elsa está morta e deixa Anna para trás para morrer e assim assumir o trono de Arendel sozinho, sem precisar de um casamento. Neste momento a trama final do filme começa e Kristoff volta para Anna pois percebe que a ama, ao mesmo tempo em que Anna percebe que se apaixonou por Kristoff.

Elsa foge da prisão e Hans a cerca dizendo que Anna está morta, Elsa paralisa a tempestade de neve e cai no chão em um choro de remorso e Hans aproveita desse momento de fraqueza de Elsa para tentar matá-la, Anna visualiza a cena mais à frente e muda seu caminho que ia em direção ao Kristoff para ir em direção a Elsa.

Anna põe-se a frente da espada de Hans e salva Elsa mesmo seu corpo convertendo-se em gelo.

Figura 12 – Cena do filme ‘Frozen, uma aventura congelante’, Anna se põe em frente a espada do príncipe Hans para salvar sua irmã Elsa



Fonte: Google Imagens. Frozen, uma aventura congelante (2013).

Apesar de Anna acreditar que o amor de Hans era verdadeiro e logo após perceber que estava se apaixonando por Kristoff e acreditar que o amor verdadeiro provinha de uma conjugação de relação amorosa entre homem e mulher, ela desiste de se salvar, para salvar a irmã que está indefesa sobre a mira de Hans. As críticas trazidas pelas feministas da terceira onda mostra um discurso universal de que as mulheres são atingidas de diferentes maneiras pelas opressões (CASTRO; DOSTOIWESKI, 2016). No filme, apesar de Anna acreditar que apenas um homem pode salvá-la, ela percebe que o amor verdadeiro não precisa ser apenas de relações amorosas entre o feminino e o masculino, mas sim também em uma relação familiar, uma relação entre irmãs, a sororidade. É de extrema importância notar que o filme é construído em cima da união feminina com a quebra do sistema de sexo e a constituição do sistema de gênero, apresentando nas atitudes de Elsa e Anna uma representatividade feminina em querer-se ver livre daquilo que as prendia, sejam ações da sociedade, roupas, situações amorosas, corpo e trabalho.

O filme além de trazer essa sororidade e liberdade das mulheres, ele é encarregado de discutir a questão da teoria Queer, questão essa que simboliza a igualdade social, trabalhista, sexual e amorosa para ambos os gêneros, colocando Elsa como a primeira rainha a ser

coroada sem precisar de um rei ou príncipe ao seu lado. Assim como na sequência do primeiro filme, *Frozen II*, Elsa passa a coroa e o reino para Anna, e não para Kristoff, noivo dela. Essa questão de gênero também é discutida quanto as roupas utilizadas pelas princesas, os filmes feitos a partir dos conceitos da terceira onda feminista, trazem princesas com roupas menos femininas. Merida, apesar de usar vestido, a mesma utiliza um modelo mais rebelde e que a mantenha livre para cavalgar, escalar, caçar e correr, as roupas das irmãs, apesar de Anna ainda manter o estilo da simplicidade e feminino, Elsa prefere um vestido mais revelador, leve e ousado para uma princesa, assim como chefe de ilha Moana que utiliza em seu vestuário apenas um top e uma saia, enquanto é possível ver sua mãe utilizar um vestido. A liberdade de vestimenta proposta para as princesas de terceira onda, mostram a liberdade que o corpo feminino conseguiu adquirir, onde em *Frozen II*, é possível perceber ambas as princesas utilizando sapatos sem salto e calças durante todo o filme.

A mudança dos cabelos também pode ser discutida como uma forma de liberdade. Perrot (2019), cita em sua obra que os cabelos são a carne e a feminilidade da mulher, já Wolf (2020) e Friedan (2020) apontam que o cabelo louro é sinônimo de elegância e feminilidade. Para ambos, manter os cabelos presos e louros é um sinal de submissão, delicadeza e pureza feminina, e a liberdade de soltar os cabelos em uma trança, como no caso de Elsa e Anna, ou manter os cabelos desgrelhados e bagunçados como Merida e Moana, mostram mais um passo da liberdade feminina com seu corpo, ou seja, os cabelos louros já não são mais sinônimo de heroísmo e delicadeza. Elsa apresenta cabelos brancos, Anna carrega cabelos castanhos claros, Merida possui cachos ruivos e Moana cachos negros, retirando o ideal de beleza de cabelos bem arrumados, lisos e loiros.

Mas não apenas de liberdade as feministas de terceira onda lutam, um dos pontos destacados pela terceira onda é não precisar mais do herói para salvar a mocinha, esse destaque no filme fica claro quando ambas as irmãs conseguem resolver a situação e salvarem-se a si mesmas sem a ajuda de um homem, mostrando a sororidade feminina, e também mostrando que nem todo príncipe é herói e bom. Porém as duas irmãs não são perfeitas, tudo bem, afinal o feminismo prega que nem todas as mulheres são perfeitas, fortes e indestrutíveis, as irmãs cometem erros e lutam para corrigi-los internamente e externamente (CASTRO; DOSTOIWESKI, 2016).

A presença forte da terceira onda feminista não foi percebida somente em *Frozen*, na personagem Moana, mas na personagem Merida também. Merida do filme 'Valente', além de realizar atividades até então vistas apenas para homens, ela enfrenta uma divergência com sua

mãe, o casamento arranjado. Merida decide lutar pela sua própria mão e acaba criando desavenças com a mãe, que a partir desse momento a estória segue com a mãe, foi enfeitiçada e em forma de urso, aprendeu mais sobre a liberdade que a filha tanto gosta, criando assim um sentimento de cumplicidade entre as duas e a sororidade que as mesmas passam a dividir. Moana é a primeira princesa da Walt Disney em não ser uma princesa, ela é a chefe do povo de Motunui e destaca esse ponto a todo momento no em sua trajetória. Moana também demonstra o interesse pela liberdade, liberdade essa que está ligada a exploração marítima e que mais tardiamente liga-se a responsabilidade de líder e em salvar seu povo da fome e da destruição ocasionados pelo roubo do coração de D’Fiji pelo semideus Maui. Moana não cria um relacionamento amoroso com Maui, mas sim de afetividade e amizade, pois os dois precisam devolver o coração de D’Fiji, mas no momento final, Moana descobre que o roubo de coração de D’Fiji a transformou no monstro D’Ka. Nesse momento é possível ver a sororidade de Moana como uma mulher que foi destruída. A terceira onda feminista é vista com traços fortes e marcantes nos últimos filmes da Walt Disney.

Apesar da quarta onda feminista ainda não participar dos filmes de princesa do estúdio da Walt Disney, ela carrega uma grande importância para a sociedade atual. A quarta onda usufrui dos meios digitais e de comunicação para buscar atenção e justiça para as mulheres que sofrem assédio sexual e violência doméstica, mais precisamente ao assédio em vias públicas e privadas, a violência sexual nas escolas e campos universitários e a luta contra a cultura do estupro<sup>30</sup>. Notícias e escândalos envolvendo esses assuntos e as mortes de mulheres e garotas incentivaram a quarta onda feminista. A onda teve seu início no ano de 2012, porém estudiosas feministas dizem que ela já dava indícios no ano de 2005 e que em 2008 ela iniciou, a rede social que mais discutia sobre o feminismo de quarta onda era o Twitter, logo após as discussões espalharam-se pelo Facebook, Tumblr, Instagram e blogs online. As estudiosas feministas comentam que apesar de essa ser uma onda virtual, ela ainda é extremamente forte como uma onda presencial.

---

<sup>30</sup> Cultura do estupro ou cultura da violação é um contexto no qual a violação sexual é perversiva e normalizada atitudes sociais sobre gênero e sexualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A flor que desabrocha na  
adversidade é a mais rara e mais  
bela de todas!”*

**Imperador, Mulan**

A pesquisa do presente estudo possibilitou uma análise mais aprofundada sobre o valor do movimento feminista e sua conexão com a mídia, em especial os filmes das princesas da Walt Disney Studios. A movimentação e a popularização do movimento feminista desde sua primeira onda, o sufrágio, até a sua atual quarta onda feminista foi possível perceber a mudança em aspectos essenciais da sociedade feminina em todos os períodos, refletindo-se na mídia. A primeira onda do feminismo, ou o sufrágio feminino, nos mostra como a romantização da domesticidade, submissão e o silêncio feminino era um fetiche social e patriarcal sobre as mulheres, situações essas refletidas na princesa Aurora do filme ‘A Bela Adormecida’, onde tem apenas quinze minutos de fala e aparição, deixando a desejar na própria personalidade. O filme além de trazer essa visão romantizada da domesticidade, ele retrata a imagem feia e descontente da feminista, imagem essa ilustrada pela vilã Malévola que é o completo oposto do ideal feminino da sociedade.

Não apenas no filme de Aurora é possível notar essa semelhança com a onda feminista com a personagem Bela, do filme ‘A Bela e a Fera’ onde pontua vários pontos discutidos e levantados na segunda onda feminista, como o direito a escolarização feminina, o direito ao trabalho feminino e o fim da domesticidade, ou, a mística feminina. Bela apresenta todos esses pontos em sua personalidade e ainda conta com a perseverança, teimosia e força, características presentes nas feministas da segunda onda. Mas, além de Bela mostrar personalidades referentes a segunda onda, a vila onde Bela mora mostra comportamento e ideais do sufrágio feminino, onde o homem é o provedor do dinheiro e da comida e a mulher é apenas a mãe e dona de casa.

O filme também expõe um personagem icônico que reflete a personalidade patriarcal e machista sem filtros, Gaston é o vilão da estória, que a todo momento deseja casar-se com ela por ela ser bela, onde garotas bonitas ficam com garotos bonitos. Mas não apenas essa personalidade de Gaston é o suficiente para ser patriarcal e machista, ele também compartilha com o público ideias de que mulheres não devem ter acesso à educação e devem permanecer submissas ao homem, cuidando da casa, dos filhos e realizando as refeições. Gaston é um

personagem que além de carregar ideais machistas, ele também carrega um comportamento e corpo viril, onde a todo momento exibe-se para os outros e tudo é encarado como um desafio, além de manifestar uma personalidade controladora.

Porém, a segunda onda não conseguiu alcançar todos os seus objetivos, logo a terceira onda feminista surge e com ela as irmãs Anna e Elsa também aparecem. A terceira onda feminista tem como objetivo acabar com a divisão de sexos e implementar o sistema de gênero, igualando assim os sexos, assim como, também ampliar a visibilidade do feminismo para mulheres negras, de outras religiões, etnias e etc., entrando em discussão a teoria Queer, ampliando o espaço de debate e inserindo a comunidade LGBTQ+ na luta. Anna e Elsa são presas durante grande parte da sua vida, ambas desejando a liberdade e o desejo de serem elas mesmas, porém as duas tem duas visões de liberdade diferentes. Anna vê a liberdade através de um matrimônio enquanto Elsa vê a liberdade através da libertação de seu segredo e poderes. As duas irmãs passam por situações de desconforto antes de experimentarem a liberdade que tanto desejavam, pois, o filme exibe reflexões importantes sobre a terceira onda, como Elsa tornando-se uma rainha sem a necessidade de um homem, a troca de roupa que a mesma faz quando se vê livre pela primeira vez. A manipulação de Hans sobre Anna e Elsa e a personalidade de dominação que o mesmo mostra, assim como Kristoff mostrando-se um apoiador dos ideais feministas, Anna descobre que a liberdade feminina não precisa de um relacionamento com um sentimento amoroso romanticamente, mostrando assim a sororidade feminina quando Anna salva sua irmã, ou seja, fica claro que não é mais necessário a presença de um herói do sexo masculino para realizar o ato de salvar.

A relação das ondas feministas com os filmes infantis altera e influência o comportamento infantil, tanto de meninas como meninos. A conexão desses movimentos com o arco midiático torna-se didático e influencia as crianças e adultos em suas escolhas pessoais e na sociedade. É fácil perceber como as gerações antepassadas cresceram com a fantasia do príncipe encantando em um garanhão branco e a necessidade da atual geração em querer ser forte, livre e seguir os próprios sonhos. A relevância desse estudo, tanto de forma pessoal quanto de forma profissional, mostra como a influência da mídia e sua participação em movimentos sociais, não apenas o feminismo, influência nas escolhas da sociedade, alterando aspectos comportamentais e psicológicos, assim como opiniões e falas. A visão desse estudo pelo viés histórico é pioneira em sua caminhada, apesar dessa relação entre mídia, animações e movimentos sociais já ter sido feitas por outras áreas, a área de história abre um novo caminho de visão para esse assunto e como essa junção explica os fatores e mudanças históricas dos movimentos sociais e da sociedade torne-se tão rápida e influente.

A necessidade de saber ainda mais sobre os movimentos sociais feministas e sua influência através de filmes infantis, surgiu por meio de uma observação realizada durante o estágio do Pré I e II quando os filmes infantis de princesas da Disney eram exibidos na hora do intervalo, sendo que filmes mais antigos não eram tão atrativos e sua interferência era quase nula. Isto é, nos filmes atuais era possível notar-se a euforia nas alunas e o desejo de ser igual a uma princesa, o que nos mostra como somos altamente influenciáveis pela mídia quando ela resolve juntar-se a um movimento que faz parte da sociedade. Os resultados apresentados na presente pesquisa mostraram-se satisfatórios em relação ao acompanhamento dos filmes e das ondas feministas e seus ideais femininos, de beleza, corpo e comportamento, assim como esses ideais eram discutidos pela sociedade e pelas figuras masculinas.

Por fim, ressalta-se a importância da visão histórica sobre os movimentos sociais e a mídia e como a junção das duas pode tornar o movimento mais forte e variado, assim como, pode influenciar o público geral que acompanha esse casamento e como a visão dos filmes altera-se no decorrer dos anos.

*“ Histórias contadas a crianças  
como parábolas de valores  
corretos perdem o sentido para as  
meninas à medida que o mito  
inicia seu trabalho. (...) O mito  
torna a menina que lê cética no  
que diz respeito a coerência moral  
das histórias de sua cultura”.*

**Naomi Wolf. O mito da beleza**

## REFERÊNCIAS

A BELA Adormecida. Direção: Clyde Geronimi; Eric Larson; Wolfgang; Reitherman; Les Clark. Produção: Walt Disney. Roteiro: Erdman Penner. Estados Unidos da América: Walt Disney Productions; Buena Vista Distribution, 1959. Disponível em: Disney Plus. Acesso em: 10 set. 2020.

A BELA e a Fera. Direção: Gary Trousdale; Kirk Wise. Produção: Don Hahn. Intérprete: Howard Ashman. Roteiro: Linda Woolverton. Fotografia de John Carnochan. Estados Unidos da América: Walt Disney Feature Animation; Walt Disney Pictures; Silver Screen Partners IV, 1991. Disponível em: Disney Plus. Acesso em: 9 out. 2020.

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. **A Representação Feminina nos Contos de Fadas das Animações de Walt Disney: a Ressignificação do Papel Social da Mulher.** XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro, 02 a 04 de jul. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1949.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência vivida.** 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 11. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 2012. 160 p.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e Príncipes Encantados: A Representação Feminina nos filmes de Princesa da Disney.** Orientador: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa. 2013. 74 p. Monografia (Graduanda em Comunicação e Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2013.

CARDOSO, Kimberlin Kariny Gonçalves; SILVA, Fabio Lacerda M. **Uma análise histórica introdutória das três ondas do pensamento feminista.** VIII Simpósio de Iniciação Científica, Didática e de Ações Sociais da FEI, São Bernardo do Campo, 2018.

CASTRO, Lidiane Nuns de; DOSTOIEWSKI, Mariatt de Oliveira Champagnatte. **Feminismo e conto de fadas: uma análise do Filme Frozen.** Revista Philologus: Supl. Anais do VIII SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, Rio de Janeiro, ano 22, v. 22, ed. 64, p. 512-522, jan. - abr. 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Dôssie: Parágrafo, [s. l.], ano 17, v. 5, n. 1, p. 6-17, jan. - jun. 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o Gênero: A teoria Queer de Judith Butler.** Dôssie Sáfico: Criação & Crítica, [s. l.], ed. 20, p. 40-55, 2018.

FRASER, Nancy. **Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao o reconhecimento e à representação.** Revista Estudos Feministas, Constellations, Oxford: Blackwell Publishing Ltd., v. 12, ed. 3, p. 295-307, 2005.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina.** 1. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2020. 559 p.

FROZEN. Direção: Chris Buck; Jennifer Lee. Produção: Peter Del Vecho. Intérprete: John Lasseter. Roteiro: Jennifer Lee. Fotografia de Scott Beattie; Mohit Kallianpur. Gravação de Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios Motion Pictures; ZON Lusomundo Audiovisuais (Portugal e PALOP), 2013. Disponível em: Disney Plus. Acesso em: 10 nov. 2020.

GARCÍA, David Córdoba. **Teoría Queer: Reflexiones sobre sexo, sexualidad y identidad. Hacia una politización de la sexualidad.** In.: Teoría Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. 2. ed. Daví Córdoba, Javier Sáez y Paco Vidarte (org.). Barcelona: Editorial Egales, 2005.

GOMES, Ana Regina Gomes dos. **Do Segundo Sexo à segunda onda: Discursos feministas sobre a maternidade.** Orientador: Profa. Dra. Cecília Maria Bacellar Sardenberg. 2008. 143 p. Dissertação (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema.** Conexão - Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, UCS, v. 8, ed. 15, p. 65-77, jan. - jun. 2009.

HERNÁNDEZ, María Jesús González. **Las sufragistas británicas y la conquista del espacio público: integración, recreación y subversión.** ARENAL, Universidad de Cantabria, n. 1, ed. 16, p. 53-84, jan. - jun. 2009.

JESUS, Milena Santos de; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas.** Revista Café com Sociologia, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 188-206, set. - dez. 2014.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **A Psicanálise nas Ondas dos Feminismos.** 2012. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1350/a\\_psicanalise\\_nas\\_ondas.pdf?seq](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1350/a_psicanalise_nas_ondas.pdf?seq)>. Acesso em: 30 out. 2020.

LOURO, Guacira. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria Queer como políticas de conhecimento.** In LOPES, Denilson e outros (orgs.). Imagem e Diversidade Sexual. Estudos de Homocultura. São Paulo, Nojosa edições, 2004a, p. 23-28.

MACHADO, Alleid Ribeiro. **Das Suffragettes ao Feminismo Hashtag: Uma Conversa Sobre Os Novos Feminismos.** COMUNICON2018: Congresso Internacional de Comunicação e Consumo, [s. l.], ed. 6, 10 e 11 de out. 2018.

MARTINS, Ana Paula Antunes. **O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade.** Revista Café com Sociologia, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 232-245, jan. - abr. 2015.

MONTEIRO, Clara; ZANELLO, Valeska. **Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos filmes de Animação da Disney**. Revista Feminismos, Rio de Janeiro, v. 2, ed. 3, p. 36-44, set. - dez. 2014.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas**. Direito e Desenvolvimento, João Pessoa, v. 8, ed. 2, p. 261-278, 2017.

MOTA, Keli Rocha da Silva. **Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país**. Extraprensa: Feminismo Contemporâneo, [s. l.], S. A. V. 11 N. 1 (2017). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/139729>>. Acesso em: 4 nov. 2020.

NUNES, Juliany Fraide; ISQUERDO, Aparecida Negri; MARQUES, Elizabete Aparecida. **Fraseologismos na área semântica do corpo humano a partir de dados geolinguísticos: o que revelam os dados do Norte e do Sul do Brasil**. Estudos Linguísticos e Literários, [s. l.], v. Esp., ed. 60, p. 51-70, 2018.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **A teoria Queer e a Reinvenção do corpo**. São Paulo, jul. - dez. 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200020&script=sci\\_arttext&tlng=pt#back](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200020&script=sci_arttext&tlng=pt#back)>. Acesso em: 4 nov. 2020.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Contexto, 2019. 190 p.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Dôssie: Rev. Sociol. Pol., Curitiba, v. 18, ed. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. Ensaios: Sur. 24, [s. l.], v. 13, ed. 24, p. 99-104, 2016.

SPAREMBERGER, Cristian. **O EQUAL Rights Amendment na segunda onda feminista dos Estados Unidos**. Diálogos, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 1, p. 602-620, 4 abr. 2020. v. 24 n. 1 (2020): International, transcontinental and intrarregional human mobilities: biopower, migrant strategies, and representations (19th to 21st centuries). Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/45607>>. Acesso em: 25 out. 2020.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2020. 489 p.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura**. In: Seminário Internacional de História da Literatura, 9. 2012, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 407-415. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.